



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

JORNALISMO

**DO BICHO HOMEM AOS OUTROS BICHOS: A
MIGRAÇÃO DO FOTÓGRAFO SEBASTIÃO SALGADO
DOS TEMAS SOCIAIS PARA NATUREZA**

VITÓRIA DIAS GUEDES DE MORAES

RIO DE JANEIRO

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**DO BICHO HOMEM AOS OUTROS BICHOS: A
MIGRAÇÃO DO FOTÓGRAFO SEBASTIÃO SALGADO
DOS TEMAS SOCIAIS PARA NATUREZA**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

VITÓRIA DIAS GUEDES DE MORAES

Orientador: Prof. Dante Gastaldoni

RIO DE JANEIRO
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia Do bicho homem aos outros bichos: a migração do fotógrafo Sebastião Salgado dos temas sociais para a natureza, elaborada por Vitória Dias Guedes de Moraes.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dante Gastaldoni

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense -UFF

Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Gabriela Nóra Pacheco Latini

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ

Departamento de Comunicação -. UFRJ

Profa. Clarissa Rodriguez Gonzalez

Doutora em Artes pela Universidade Complutense de Madrid - UCM

Departamento de Comunicação – UFF

RIO DE JANEIRO

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

MORAES, Vitória Dias Guedes de.

Do bicho homem aos outros bichos: a migração do fotógrafo Sebastião Salgado dos temas sociais para a natureza. Rio de Janeiro, 2016.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: Prof. Dante Gastaldoni

MORAES, Vitória Dias Guedes de. Do bicho homem aos outros bichos: a migração do fotógrafo Sebastião Salgado dos temas sociais para a natureza. Orientador: Prof.

Dante Gastaldoni. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Esse trabalho demonstra a migração do fotógrafo Sebastião Salgado dos temas sociais para a natureza. Procura-se entender o porquê dessa virada e a forma como ela se dá. O objetivo é analisar essa mudança no tema fotografado depois de 30 anos de carreira e o impacto causado na vida do artista, tanto pessoal quanto profissional. Para isso, serão analisados aspectos referentes a seus trabalhos anteriores e a forma como eles podem ter influenciado essa mudança, além dos fatores externos que o incentivaram a tomar tal decisão. Procura-se expor a forma como se dá essa transição e o impacto dela sobre sua maneira de fotografar. A pesquisa se debruça em seu livro em parceria com Isabelle Fracq *Da minha terra à terra*, entrevistas dadas ao longo da carreira e no filme *O sal da terra*.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1. População migrando - Foto retirada de Êxodos	21
Figura 2. Criança na África - Retirada de Retratos das Crianças do Êxodo.....	24
Figura 3. Fazenda Bulcão antes do reflorestamento - Retirada do site do Instituto Terra	31
Figura 4. Fazenda Bulcão depois do reflorestamento - Retirada do site do Instituto Terra	31
Figura 5. Tartaruga em Galápagos- Retirada de Gênesis	36
Figura 6. Pinguins na Antártida - Retirada de Gênesis	37
Figura 7. Elefantes na África - Retirada de Gênesis.....	38
Figura 8. Tribo Zo'és na Amazônia- Retirada de Gênesis	39
Figura 9. Detalhe da mão de uma iguana em Galápagos - Retirada de Gênesis	42
Figura 10. Deserto - Retirado de Gênesis.....	43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. DE MATHEW BRADY A SEBASTIÃO SALGADO: UM BREVE MERGULHO NA HISTÓRIA DO FOTOJORNALISMO	8
3. O ECONOMISTA QUE SE FEZ FOTÓGRAFO.....	13
4. A DEGRADAÇÃO HUMANA EM ESCALA PLANETÁRIA	20
5. DO BICHO HOMEM AOS OUTROS BICHOS.....	29
6. GÊNESIS	35
CONCLUSÃO.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

1. INTRODUÇÃO

A fotografia é uma escrita tão forte porque pode ser lida em todo o mundo sem tradução (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 58).

Desde muito cedo me interesso por fotografia, em especial por aquela de caráter social. Acredito que uma fotografia pode muitas vezes dizer mais do que um texto e é nisso que consiste seu enorme poder. Ao dispensar as palavras, a fotografia se constitui numa espécie de linguagem universal, de tal forma que sequer é necessário ser alfabetizado para ser tocado por uma imagem fotográfica, ou mesmo para entendê-la. Por outro lado, uma mesma imagem é capaz de provocar diferentes sentimentos em observadores distintos e, além das emoções que desperta e das mensagens que transmite, a fotografia pode ser uma arma eficaz de denúncia em situações de guerra, injustiça, violência. E falar de fotografia social, para mim, significa, necessariamente, falar de um dos maiores expoentes brasileiros no assunto: Sebastião Salgado. Janio de Freitas, em seu livro *A condição de Salgado*, de 1992, escreve:

Sebastião Salgado é um portador do mistério da arte. O que quer dizer que sua fotografia não se descreve: sente-se. E sente-se de um modo especial, proveniente do que fez Sebastião Salgado ser reconhecido em todo o mundo, em tão poucos anos, como um fotógrafo muito especial.¹

Sebastião Salgado é economista por formação e um dos maiores fotojornalistas da história. Ao longo dos seus mais de quarenta anos de carreira como fotógrafo, tem colecionado diversos prêmios e honrarias, tendo publicado trabalhos fortemente aclamados pela crítica mundial. Rodou o mundo com inúmeras exposições em museus e galerias de arte, com trabalhos entre os quais se destacam *Outras Américas*, *Sahel*, *Trabalhadores*, *Terra*, *Êxodos* e, por fim, *Gênesis*.

É casado com Lélia Wanick, que conheceu aos 20 anos. Na época Salgado trabalhava na Aliança Francesa e se apaixonou por Lélia, uma estudante de apenas 17 anos nascida em Vitória. Ele nessa época foi aprovado para cursar o mestrado em economia na USP e pediu Lélia em casamento. Após se casarem, mudam-se juntos para

¹Disponível em:

http://www2.eca.usp.br/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=67:sebastiao-salgado&catid=14:folios&Itemid=10.

São Paulo e permanecem casados até hoje: Lélia é seu braço direito na vida particular e pessoal. Os dois são pais de Juliano e Rodrigo.

Durante grande parte da sua trajetória como fotógrafo, Salgado se dedicou a registrar a condição humana. Foi fundo ao retratar indivíduos em situações de miséria, guerra, fome e abandono. Suas fotografias captaram o que existe de mais humano, através apenas do preto e do branco, e conseguem revelar muito sobre a situação das pessoas que estão passando por momentos extremos em suas vidas. Ao abusar das gamas do cinza, ele consegue recriar luzes espetaculares em suas fotos, o que as torna ainda mais especiais. Sua paixão pelas fotografias em preto e branco se dá pelo fato de que ao retirar o apelo cromático de uma fotografia é possível observar de forma mais atenta a intensidade dos olhares, as conexões sugeridas, os detalhes mais sutis.

O objetivo de Salgado, enquanto fotógrafo social, é fazer com que as pessoas reflitam sobre o aumento desenfreado da globalização e os danos incalculáveis que ela tem gerado ávida nos mais diversos lugares do mundo. É mostrar, em suma, as consequências nefastas da ganância do ser humano. Suas fotos buscam explicitar situações vividas no limite da degradação extrema e provocar questionamentos sobre os valores que nos norteiam nos dias atuais. Salgado busca, portanto, atrair atenção e gerar reflexão, mostrar que muitas vezes podemos não conhecer realidades que estão muito próximas de nós.

Jefferson Luiz Maleski, professor universitário, diz que o escritor e o fotógrafo utilizam as mesmas ferramentas, mas enquanto um descreve uma imagem com mil palavras o outro descreve mil palavras com uma imagem. Não conheço frase melhor para definir o trabalho do fotojornalista Sebastião Salgado, que utiliza sua sensibilidade para expressar, através de suas fotos, a essência do sentimento humano.

O artista segue a linha temática dos primeiros fotojornalistas que documentaram de perto a guerra e seus horrores. Suas fotos, assim como as de nomes como Mathew Brady, Henri Cartier-Bresson, Robert Capa, James Nachtwey e Eugene Smith, funcionam como forma de denúncia das atrocidades que a mão humana é capaz de produzir. São imagens extremamente fortes e que, muitas vezes, chocam.

No entanto, por alguns motivos que serão detalhados nos capítulos seguintes, a fotografia de Salgado – diferentemente de outros profissionais que dedicaram suas vidas à cobertura de conflitos – é espantosamente bela. Ele consegue, diante de dor e do sofrimento extremos, reencontrar a dignidade humana, esquecida nas situações de vida

daqueles a quem fotografa. E acaba, pelo mesmo motivo, enfrentando duras críticas sobre a estetização da miséria que serão comentadas ao longo do trabalho.

Em determinado momento de sua carreira, Salgado transfere o foco da sua documentação dos aspectos sociais para a natureza. E é precisamente aí que se encontra o objetivo deste trabalho: tentar entender a migração temática do social para o ambiental. Para isso, serão analisados aspectos referentes a seus trabalhos anteriores e a forma como eles podem ter influenciado nessa mudança, bem como os fatores externos que o incentivaram a tomar tal decisão. Procura-se expor a forma como se dá essa transição e o impacto dela sobre sua maneira de fotografar.

Objetiva-se explorar se a nova temática torna necessária uma mudança de equipamento fotográfico, se a forma como é feito o planejamento do projeto se altera e como o artista encara tantas transformações. Procurei explicar essa transição tanto sob o aspecto técnico, no seu dia a dia profissional, quanto no que diz respeito ao seu trabalho e também à sua vida particular, que é também diretamente impactada pela transformação.

Com base no livro *Da minha terra à Terra*, escrito por Isabelle Francq, em parceria com o próprio Sebastião Salgado, procurarei apresentar suas raízes, sua vida privada e demonstrar de que forma esses aspectos influenciaram e ainda influenciam sua vida profissional. E, conseqüentemente, como suas experiências de vida foram determinantes para que houvesse essa virada surpreendente em seu trabalho.

Contextualizarei o surgimento e a história do fotojornalismo e suas vertentes, usando como base o livro *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*, de Jorge Pedro de Sousa. O autor é professor e pesquisador de jornalismo na Universidade Fernando Pessoa, na cidade do Porto, em Portugal. As suas linhas de pesquisa envolvem a teoria e a história do jornalismo e a análise do discurso jornalístico impresso, sendo a obra escolhida um de seus livros mais conhecidos. Souza auxiliou no entendimento do momento histórico em que o fotojornalismo surgiu, as modificações pelas quais passou ao longo dos anos, seus principais nomes e as mais importantes tendências para o futuro.

Outro ponto importante a nortear este trabalho foi a tentativa de utilizar a visão do próprio Salgado. Para isso, reproduzirei diversas de suas falas em diferentes entrevistas, palestras, documentários e no já citado *Da minha terra à terra*. O uso da internet foi particularmente importante neste momento pois, durante a pesquisa, pude ter acesso a vídeos de palestras do fotógrafo, proferidas em momentos diversos de sua

carreira. Esse recurso possibilitou analisar grande diversidade de discursos, uma vez que cada projeto finalizado trazia também opiniões e informações adicionais do artista. Dessa forma, foi possível acompanhar e entender melhor a evolução de seu trabalho ao longo dos anos em que se dedicou à fotografia e o que foi se alterando nesse processo.

Tais falas contribuem para responder e ilustrar questões importantes sobre sua vida e sobre a forma como Salgado lida com a fotografia. A partir da utilização de sua própria voz, torna-se possível entender melhor seus sentimentos, angústias e alegrias em momentos decisivos de sua vida. Adicionei também alguns relatos de terceiros, expressando suas opiniões a respeito do trabalho do artista, com o objetivo de balancear a narrativa, adicionando a ela visões diferentes da dele próprio. Com isso, procurarei evitar que o trabalho contenha apenas a sua própria visão sobre sua fotografia, sua forma de trabalhar e o jeito com que lida com essas variáveis.

O capítulo 2 apresenta a forma como nasce o fotojornalismo, o significado de seu surgimento, o momento da história em que isso acontece e como ele se manifesta e evolui ao longo dos anos. Procurarei demonstrar o impacto que os avanços tecnológicos exercem sobre as câmeras e como eles interferem diretamente também no resultado do trabalho e na mobilidade dos fotógrafos. Adicionalmente, buscarei expor a influência desses avanços tecnológicos sobre os padrões, não apenas da fotografia da época, mas também dos jornais impressos.

Na sequência, serão comentados os resultados do aumento que temos presenciado na demanda de fotos para os jornais e o aumento do número de profissionais que se dedicam inteiramente a esse tipo de fotografia. E pontuada também a necessidade de criação de veículos específicos para expor esses trabalhos e a forma como o público em geral reage a essa nova vertente. Procurarei demonstrar o impacto que o fotojornalismo exerce sobre a sociedade e salientar a importância que essa modalidade fotográfica vem conquistando ao longo dos anos, até os dias de hoje.

Em resumo, o capítulo 2 funciona como uma linha do tempo da trajetória do fotojornalismo, incluindo alguns dos nomes de maior destaque nesse cenário. Discorrerei ainda sobre a criação da agência de fotografias Magnum, a mais famosa da história, e sobre a entrada de Sebastião Salgado, um economista, nesse universo da imagem. Será apresentado também o fenômeno do surgimento das publicações especializadas em fotografia, utilizando como exemplo a revista Life.

Enfim, o objetivo do capítulo 2 é contextualizar o surgimento do fotojornalismo e a forma como ele impacta a sociedade civil da época, gerando mudanças na forma como se enxerga uma fotografia.

A partir daí, no Capítulo 3, serão expostos os rumos que levaram Salgado a deixar a economia, carreira a que se dedicou anteriormente, para se voltar, exclusivamente, à fotografia social. Estarão inclusas nesse capítulo informações sobre seus projetos mais famosos, com indicações sobre o tempo dedicado a cada um deles e suas principais características, além dos objetivos perseguidos na sua criação.

Posteriormente, no capítulo 4, será detalhado seu último projeto dedicado à fotografia social, Êxodos. Serão descritos os bastidores desse projeto, sua duração, os países nele percorridos, seus objetivos e as razões pelas quais ele acabou sendo o último trabalho do fotojornalista na fotografia de caráter social. Essa parte é de grande importância no âmbito do presente trabalho, porque contribui para justificar a mudança ocorrida na vida e no trabalho de Salgado. A reviravolta na carreira do artista é ilustrada por depoimentos do próprio fotógrafo sobre o assunto.

A partir dos principais trabalhos desenvolvidos pelo artista e prêmios por ele conquistados, buscarei demonstrar a importância do seu nome e do seu trabalho no universo da fotografia. Procurarei demonstrar que as opiniões sobre a fotografia de Salgado não são unânimes. Se por um lado existem os que admiram muito seus trabalhos, por outro há também os que têm opiniões contrárias a seus projetos e à forma como são conduzidos e, posteriormente, exibidos. Enquanto alguns enxergam sua obra como uma forma de denúncia, como uma tentativa de alertar sobre as atrocidades que o ser humano é capaz de produzir e reproduzir, outros vêem nela a estetização do sofrimento alheio e a criticam ferozmente por isso. Ambas as opiniões serão apresentadas.

E, a partir dessas duas visões tão divergentes, buscarei discorrer sobre a forma como Sebastião Salgado as recebe e como elas vieram a afetar sua vida pessoal e profissional e as decisões subsequentes por ele tomadas.

Após a exposição da trajetória do fotógrafo no capítulo 4, o assunto será retomado no capítulo 5, que descreverá a grande virada ocorrida em sua vida como fruto das críticas negativas recebidas, especialmente depois da obra Êxodos. O capítulo 5 proporá também uma reflexão sobre a dificuldade experimentada pelos fotógrafos de permanecerem imunes ao objeto de seu trabalho, ou seja, ao que existe do outro lado da

lente, e sobre a medida em que a influência exercida pelo objeto da fotografia pode afetar o trabalho e a vida desses profissionais.

Já no capítulo 6 analisarei o último trabalho do fotógrafo, *Gênesis*, concluído no ano de 2012. Procurarei expor algumas mudanças importantes que esse trabalho representou na vida de Salgado. Na obra, a partir de uma nova perspectiva, que representa o oposto do que ele fazia anteriormente, a fotografia adquire outros formatos e é feita com objetivos diferentes do que fora feito até então.

Ao longo do capítulo 6, irei discorrer sobre a origem da ideia do projeto e a forma como foi planejado, incluindo o importante papel de Lélia, sua mulher, na elaboração e execução de *Gênesis*. Buscarei demonstrar porque esse último projeto significou um dos maiores desafios da carreira do fotógrafo. Comentarei também sobre o tempo a ele dedicado e sobre as difíceis condições enfrentadas ao longo de seu andamento, envolvendo inclusive alterações técnicas no equipamento. Irei detalhar os países visitados e as condições extremas a que Salgado foi exposto enquanto fotografava *Gênesis*.

O capítulo 6 tem como objetivo discutir sobre a mudança no objeto fotografado depois de 30 anos de carreira e o impacto causado pela mudança sobre a vida do artista. O projeto de *Gênesis* significou, de muitas formas, um renascimento para o fotógrafo e é isso que será exposto ao longo do texto. Pretendo ainda mostrar de que forma Salgado termina *Gênesis* e o que ele aprende com a imersão de anos em paisagens intocadas e tribos primitivas. Se isso muda alguma coisa na sua forma de ver o ser humano, como ele passa a enxergar o futuro, se suas opiniões mudam desde o final de *Êxodos* até o final de *Gênesis* e de que forma isso acontece.

O capítulo 6 tem como objetivo refletir sobre a semelhança entre os seres humanos e os animais, sua origem em comum e a maneira como Salgado fotografa um e outro. Para tanto, irei discorrer sobre as descobertas do fotógrafo ao se deparar com algo que nunca havia fotografado antes e sobre a forma como fica explícito em suas imagens seu entrosamento surpreendente com o tema, ainda que não tivesse com ele nenhuma experiência anterior. Nesse capítulo em específico, irei incluir diferentes falas do fotógrafo, a fim de ilustrar os sentimentos diversos vividos por ele ao longo dos anos retratando a natureza e suas sensações sobre essa mudança.

Ao fim deste trabalho espero conseguir mostrar a forma como Salgado foi afetado pelos longos anos trabalhando com a fotografia social e a exposição constante à violência, guerras e mortes. Buscarei mostrar a influência que esses fatores tiveram em

sua saúde e a mudança que ele decide fazer em sua carreira por conta disso, trocando o foco do seu trabalho e migrando dos temas sociais para a natureza.

2. DE MATHEW BRADY A SEBASTIÃO SALGADO: UM BREVE MERGULHO NA HISTÓRIA DO FOTOJORNALISMO

O fotojornalismo nasce cobrindo guerras e conflitos. Em meados do século XIX, a fotografia já usufruía dos benefícios dos avanços tecnológicos, que geraram o aumento da mobilidade, tornando possível abandonar os estúdios e avançar para a documentação do mundo exterior. A evolução técnica possibilitou a melhoria da qualidade das imagens, a redução dos custos e a maior agilidade no processo de produção. A exposição ao público de fotos de guerra levantou uma discussão inédita a respeito dos conflitos armados, por conta do choque que causavam.

Foi somente na Guerra Civil Americana, mais conhecida como Guerra de Secessão, entre os anos de 1861 e 1865, que os fotógrafos foram capazes de documentar, pela primeira vez, um conflito militar em toda a sua crueza, ao contrário do trabalho realizado por Roger Fenton na Crimeia, quando a guerra foi amenizada a partir de fotos encomendadas pelo governo inglês. É na documentação das guerras que surge a tradição do jornalista que vai para campo fotografar, do fotógrafo que vive o dia a dia dos conflitos. A Guerra de Secessão foi a primeira na história em que fotógrafos correram risco de morte, já que estavam, de fato, em campo. A circulação das fotos de guerra chocou o mundo, que viu pela primeira vez imagens violentas do conflito estampadas em jornais.

A cobertura de guerras gerou mudanças profundas no fotojornalismo e provocou alterações nas publicações de jornais e revistas da época. Os editores passam a perceber o interesse dos leitores pela foto, vista como prova, como documentação do que de fato aconteceu. A fotografia ganhou força e passou a ser tão importante quanto o texto. A partir daí, motivados pela competição, os grandes jornais passaram a investir cada vez mais na publicação de fotografias, o que aumentava o número de leitores e, conseqüentemente, de anunciantes. Com o aumento do uso de fotografias na imprensa, cresceu também o número de repórteres fotográficos profissionais. Como consequência, tanto os donos dos veículos quanto os próprios fotojornalistas passaram a entender a importância de estar próximo ao conflito para melhor documentá-lo.

Um dos nomes mais conhecidos do período, por conta da excelente cobertura realizada durante a Guerra de Secessão, é o de Mathew Brady (1823-1896), fotógrafo norte-americano nascido em Nova Iorque, também famoso pelos seus retratos de celebridades. Brady financiou um grupo de fotógrafos para ir a campo documentar a

Guerra de Secessão de uma forma que nunca havia sido feito antes. As fotos feitas por Brady ao longo do conflito mostravam corpos de soldados mortos, campos destruídos e chocaram profundamente a sociedade americana, que passava a ver a guerra com outros olhos. Após seu trabalho cobrindo a Guerra de Secessão, Brady realizou diversas exposições mostrando seus retratos e provando que a fotografia está diretamente ligada a questões histórico-culturais. O fotógrafo fica conhecido então como pioneiro na documentação de guerras e conflitos.

Em meados de 1933, o governo dos Estados Unidos lançou uma série de projetos de obras públicas para recuperar a economia abalada pela crise da Bolsa em 1929, também conhecida como Grande Depressão, período de notável recessão econômica, que duraria até meados da Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, ganha corpo uma iniciativa do Governo Roosevelt de utilizar a fotografia como ferramenta de apoio na ajuda às regiões agrícolas fortemente afetadas do interior do país. Conhecido por Farm Security Administration (FSA) -a rigor, o setor do Ministério da Agricultura ao qual era subordinado o projeto – e dirigido pelo economista Roy Stryker, a ação deste grupo de fotógrafos foi fundamental para sensibilizar o Congresso e os grandes centros urbanos sobre a crise que afetava o meio rural.

A documentação levada a cabo por Walker Evans, Dorothea Lang, Jack Delano e Gordon Park, entre outros, foi além do caráter de propaganda que o governo pretendia dar ao material e se caracterizou como fotografia social com caráter humanista. É possível observar nas fotos como era a população, a forma como vivia, como se vestia, enfim, é possível perceber a vida, de fato, daquelas pessoas fortemente afetadas pela Grande Depressão. Essas fotos, que podem ser vistas na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, entraram para a história e servem até hoje como inspiração para quem trabalha ou pretende trabalhar com fotografia social.

O crescimento do fotojornalismo e da importância da documentação fotográfica resulta na criação de uma das maiores revistas dedicadas à fotografia: a Life. A publicação teve sua primeira edição em 23 de novembro de 1936 e nasceu com o objetivo de ser uma revista com fotos que contam histórias. Logo em sua primeira edição, a revista vendeu mais de quatrocentos mil exemplares entre assinaturas e vendas diretas. Henry Luce escreveu no editorial da primeira edição da revista, em novembro de 1936: “Ver a vida, ver o mundo, testemunhar grandes acontecimentos, ver o rosto dos pobres e testemunhar os gestos dos orgulhosos”.

A história da revista é marcada pela documentação de conflitos e pela inovação em suas publicações. Enquanto os grandes jornais estavam preocupados em relatar notícias, a Life procurava mostrá-las. Durante a Segunda Guerra Mundial, a revista formou uma equipe a fim de elaborar uma coleção de arte a respeito da guerra. Foram selecionadas pessoas tanto na linha de frente das batalhas como no território norte-americano. A publicação das fotos revelando um lado até então pouco conhecido dos conflitos foi duramente criticada pelo público, que considerava as imagens excessivas. A revista Life nasceu, portanto, da necessidade de se ter um local especificamente destinado à exibição de fotos de uma geração de profissionais que entendia o poder informativo de uma fotografia e que não encontrava um espaço tão amplo para sua apresentação nos jornais da época.

Nas décadas de 1930 e 1940, surgiu a “geração de ouro” do fotojornalismo, com nomes como Robert Capa, Henri Cartier-Bresson e Eugene Smith, fotógrafos que ficaram conhecidos pela excelência no registro de guerras e conflitos. Robert Capa (1913-1954), fotógrafo húngaro de nome original Endre Erno Giredmann, teve seu trabalho descrito por John Steinbeck: “Capa mostrava o horror de todo um povo no rosto de uma criança”.²

Formado em ciências políticas, Capa procurava demonstrar sua aversão à guerra através das próprias fotos. O fotógrafo cobriu os mais importantes conflitos da primeira metade do século XX. Dentre suas fotos mais famosas estão a minuciosa cobertura do desembarque das tropas norte-americanas na costa da Normandia, no “Dia D”. O fotógrafo morreu em campo, depois de pisar acidentalmente em uma mina na Indochina, em 1954, enquanto trabalhava na cobertura da Guerra do Vietnã para a Revista Life.

Henri Cartier-Bresson (1908-2004), fotógrafo francês, foi responsável por capturar os primeiros exemplos de fotografias humanistas. Munido de uma Leica com objetiva de 50mm, que lhe dava boa mobilidade, Bresson gostava de retratar o ser humano, o cotidiano, o dia a dia, as ruas, sem que as pessoas percebessem que estavam sendo fotografadas. O fotógrafo francês obteve muito sucesso documentando conflitos e guerras, em especial a Segunda Guerra Mundial, quando serviu ao Exército francês com serviços de filmagem e fotografia. Durante a invasão da França pela Alemanha Nazista em 1940, Bresson foi feito prisioneiro de guerra durante 35 meses. Apenas em 1943 conseguiu fugir e recomeçar seu trabalho no registro daquele conflito. Em 1952, lançou seu primeiro livro: O Momento Decisivo. Em torno de 1975, Cartier-Bresson passa a se dedicar a outro tipo

² Disponível em: <<https://olharconstruido.wordpress.com/tag/fotojornalismo>>.

de arte: a pintura. Ele alega que já havia dito tudo que podia através de suas lentes e aposenta sua câmera.

Eugene Smith (1918 - 1978), americano nascido no Kansas, ficou conhecido por suas fotografias intensas feitas durante a Segunda Guerra Mundial e se tornou referência mais tarde no campo da fotografia social. Suas fotos focam nas experiências físicas e emocionais de soldados na linha de frente e por isso são extremamente duras de serem observadas. Sua proximidade com o conflito e seus protagonistas é impressionante e essa é uma das maiores marcas de sua fotografia de guerra. Trabalhou como correspondente de guerra para a revista *Flyingentre* 1943 e 1944 e também para a *Life* um ano depois, onde publicou suas fotos mais conhecidas. Os horrores da guerra não deixaram apenas marcas psicológicas em Smith. Em 1945, durante a ofensiva norte-americana no Japão, o fotógrafo sofreu ferimentos graves que o obrigaram a passar por mais de 30 cirurgias e precisou ficar hospitalizado por dois anos até poder voltar à vida normal.

É nessa época, em 1947, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, que é fundada a Agência Magnum Photos, por Robert Capa, Henri Cartier-Bresson, David Chim, George Rodgers e William Vandivert. Ela funcionava como uma cooperativa e dava mais autonomia e maior poder de negociação com os clientes aos fotógrafos.

Só em 1947 é que, pela primeira vez, um grupo de autores-fotógrafos exigiu não apenas a propriedade dos negativos, mas também o direito à assinatura, o direito ao controle da edição do seu trabalho à escala internacional e "ter tempo" para trabalhar nos projetos fotográficos que frequentemente seriam propostos por eles próprios. (Sousa, 1998 p. 125).

A agência passou a ser reconhecida mundialmente pelo excelente trabalho e pela qualidade de suas fotos. A Magnum gera uma revolução no mercado fotográfico e faz com que o fotógrafo deixe de ser um agente passivo e passe a ser ativo, um mediador consciente. Ela completará 70 anos no ano de 2017 e continua sendo muito respeitada até hoje.

Baseado nas ideias de Margarita Ledo Andión, contidas no livro *História crítica do fotojornalismo ocidental*, é possível entender que é a partir da fundação da Agência Magnum que a fotografia e o fotojornalismo passam por mudanças importantes em sua configuração. Os fotógrafos tornam-se parte, elementos do discurso. Passam a ter mais liberdade no que diz respeito a projetos próprios, conquistando maior independência na escolha da forma de trabalhar e dos temas a serem explorados. Os projetos tendem a ser

mais longos e mergulhar fundo na documentação, uma vez que fica entendido que é preciso estar próximo de algo e entendê-lo para poder documentá-lo. Os profissionais passam ainda a usar livros e exposições como difusores de seu trabalho e deixam de depender única e exclusivamente da imprensa. Isso faz com que essas fotos ganhem mais destaque e atenção e não passem despercebidas enquanto o jornal é folheado. Quem está folheando o livro ou fica de pé em uma exposição frente a uma fotografia está com toda sua atenção voltada para aquele momento.

3. O ECONOMISTA QUE SE FEZ FOTÓGRAFO

Alguns anos após a fundação da agência Magnum, o fotógrafo que é objeto de estudo deste trabalho, Sebastião Salgado, passa a fazer parte dela e começa a traçar sua trajetória. É baseado nessa tradição da fotografia de guerra, de uma fotografia antropológica que se espelha o foco do artista. Ele é apresentado no livro de Isabelle Francq, *Da minha Terra a Terra*, como “o maior fotojornalista do nosso tempo”. Ao estudar a fundo sua experiência profissional, não é de espantar o título a ele concedido. Na apresentação de seu livro, Isabelle afirma:

Contemplar uma fotografia de Sebastião Salgado é ter uma experiência da dignidade humana. É compreender o que significa ser uma mulher, um homem, uma criança. Pois Sebastião nutre um profundo amor pelas pessoas que fotografa. Como explicar de outro modo o fato de elas se encontrarem tão presentes, vivas e confiantes em suas imagens? Há tempos seu trabalho me comove. Admiro a estética barroca de suas imagens, suas luzes sempre extraordinárias, a força que emana delas, mas também a ternura que manifestam e que desperta o melhor de mim mesma (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 7).

Sebastião não escolheu ser fotógrafo, a fotografia o escolheu. Formado em Economia pela Universidade Federal do Espírito Santo e com mestrado e doutorado na área, é curioso que Salgado tenha escolhido a fotografia como profissão. Sua história com a nova atividade começa na França, quando sua mulher, Lélia, precisou fazer algumas imagens para a Faculdade de Arquitetura, que cursava na época e comprou uma Pentax Spotmatic II, com uma lente objetiva Takumar de 50mm, f:1. Ele faz algumas fotos e logo percebeu que aquilo lhe dá um enorme prazer. Nessa época, empolgado com seu novo passatempo, passa a fazer revelações para alguns estudantes e faz disso um complemento de sua renda.

Durante seu doutorado, Salgado conseguiu emprego em um banco de investimentos chamado Organização Internacional do Café e, por conta disso, passou a viajar muito, principalmente para o continente africano. Passava muito tempo imerso na África e via de perto as dificuldades enfrentadas por aquela população. Costumava levar a câmera de sua mulher nessas viagens e se divertia tirando algumas fotos sem compromisso. Até que, em uma dessas viagens, quando tinha 30anos, sua verdadeira paixão bateu à sua porta e ele se entregou de vez à fotografia. Sobre esse período, ele mesmo conta:

Durante minhas viagens a Ruanda, Burundi, Zaire, Quênia e Uganda, percebi que as fotos que tirava me deixavam muito mais feliz do que os relatórios que precisava escrever ao voltar (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 33).

Em suas próprias palavras, em palestra no TED, intitulada “O silencioso drama da fotografia”, ele fala sobre como foi a decisão de abandonar a antiga profissão, algo que lhe proporcionava boa estabilidade financeira e que tinha perspectiva de crescimento, para se dedicar apenas à fotografia:

E um dia a fotografia fez uma invasão total na minha vida. Tornei-me um fotógrafo, abandonei tudo e tornei-me um fotógrafo, e comecei a fazer a fotografia que era importante para mim. Muitas pessoas me dizem: você é um fotojornalista, você é um fotógrafo antropologista, você é um fotógrafo ativista. Mas fiz muito mais que isso. Coloquei a fotografia como minha vida.³

Sebastião Salgado largou a economia, se dedicou exclusivamente à fotografia e trabalhou para grandes agências, como a Sygma, a Gamma e a Magnum. Em 1994, munido da vontade de ter uma maior independência criativa, ele funda com Lélia, sua esposa, a Amazonas Images, sua própria agência de fotos. Nessa época ele já era um conhecido fotógrafo por conta do lançamento de *Trabalhadores* (1993) e, graças à Amazonas Images, Salgado tinha finalmente a liberdade de criar seus próprios projetos fotográficos e trabalhar com o que realmente desejava: a fotografia social. Ele pode então eleger seus próprios temas e decidir a respeito de qualquer questão ligada à própria fotografia. A agência, comandada pelo olhar atento e dedicado de Lélia, está até hoje à frente de todas as atividades ligadas ao trabalho do fotógrafo, sendo responsável pelas áreas de pesquisa, produção, imprensa e edição.

Um ponto importante na fotografia social de Salgado é a forma como esta procura funcionar como uma narrativa, não devendo ser analisada de forma isolada, mas sim como um conjunto. Seus trabalhos pretendem contar uma história e precisam ser colocados em seu contexto histórico para serem realmente entendidos.

Sempre fui capaz de colocar minhas imagens dentro de uma visão histórica e sociológica. O que os escritores relatam com suas penas, eu relatava com minhas câmeras. A fotografia é para mim uma escrita. É uma paixão, pois amo a luz, mas é também uma linguagem. Poderosíssima. Quando comecei, não tinha limites. Queria andar por

³Disponível em: https://www.ted.com/talks/sebastiao_salgado_the_silent_drama_of_photography/transcript?language=pt-br.

todos os lugares onde minha curiosidade me levasse, onde a beleza me comovesse. Mas também por todos os lugares onde houvesse injustiça social, para melhor descrevê-la (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 43).

Um dos motivos de Salgado conseguir captar tão bem emoções e passar através de sua fotografia sentimentos tão fortes é o fato de empregar muito tempo em cada viagem e ser como um camaleão em todas elas, adaptando-se a diferentes culturas e respeitando sempre o outro. “Contrariando as opções de Capa ou, nomeadamente, de Cartier-Bresson, Salgado afirma que para ele não há momentos decisivos, apenas "vidas decisivas, com toda a sua cultura e toda a sua ideologia" (SOUZA, 1998, p 179). Ele explica a forma como encara seu trabalho e de que forma acredita conseguir narrar as histórias que escolhe:

Todas as minhas fotos foram parar em periódicos: a imprensa é meu suporte fundamental, minha referência. Mas fotografar, para mim, vai muito além de publicar imagens. Num jornal trabalha-se quatro horas, cinco dias, no máximo uma semana sobre algum assunto, principalmente nos dias de hoje. A meu ver, minhas imagens nunca estão prontas. O que me interessa é produzir relatos fotográficos descompostos e diferentes reportagens, distribuídas ao longo de vários anos. Trabalhar a fundo numa questão por cinco ou seis anos, e não borboletear de tema em tema, de um lugar a outro. A única maneira de contar uma história é voltar ao mesmo lugar repetidas vezes; é nessa dialética que se evolui. É assim que atuo há mais de quarenta anos. (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 47).

Ele nunca visita uma comunidade durante apenas poucas horas para fotografar. Para captar o verdadeiro sentimento, o olhar mais sincero, os momentos mais dramáticos, Salgado convive com aqueles a quem fotografa, desinibindo-os inclusive do medo, curiosidade ou felicidade de serem fotografados. Ele se torna um deles, segue seus hábitos e costuma dizer que não fotografa com sua máquina, mas com toda a sua cultura. É por isso que Salgado diz ser necessário entender a cultura do outro e fazer parte dela para ser possível extrair o real e não apenas o aparente. Unir isso à bagagem cultural adquirida ao longo da vida é primordial para conseguir colocar emoção, verdade em uma fotografia. E isso resulta nas longas imersões do fotógrafo, quando se propõe a fotografar o que quer que seja.

Sebastião Salgado é um autorhumanista, na linha da boa consciência de Eugene Smith e dos fotógrafos do compromisso social, sobretudo de Hine. E é também um dos nomes mais marcantes e conhecidos da fotografia documental na atualidade, pois, pela forma como aborda os fenômenos sociais, as transformações históricas ou simplesmente a vida

quotidiana, obriga o observador a olhar para as suas imagens. A receita de Salgado ainda combina a intenção testemunhal e a perfeição técnica com o integral respeito pelo tema fotografado. (Souza, 2004, p. 189)

A seguir apresentamos uma pequena compilação dos principais trabalhos do fotógrafo, com breves explicações sobre seu conteúdo, baseado na análise dos livros em questão e com a ajuda de dados obtidos no site oficial da Amazonas Images, agência fotográfica de Sebastião Salgado.

OUTRAS AMÉRICAS (1977- 1986): Foram necessários sete anos para produzir as imagens presentes no primeiro grande trabalho independente do fotógrafo. As fotos relatam de forma bela e, ao mesmo tempo, triste a passagem do tempo perante os povos indígenas da América Latina, que, apesar de apresentarem culturas muito distintas, guardam fortes semelhanças. Foram percorridos desde o litoral do Nordeste do Brasil, até o Chile, Bolívia, Peru, Equador, Guatemala e México. O trabalho representa uma imersão nas condições de vida dos camponeses e a resistência cultural dos indígenas latino-americanos e de seus descendentes, mostrando as marcas da religiosidade em suas vidas. Apesar da data de lançamento deste livro, ele continua extremamente atual pois, nos dias de hoje, ainda consegue servir como espelho dessas sociedades.

SAHEL (1984- 1985): Esse livro reúne as fotos mais tristes que Sebastião Salgado já fez e que chocaram o mundo ao serem divulgadas. Retrata de forma extrema a seca que assolou a região do Sahel e as guerras tribais no Norte da África, que provocaram a migração das populações locais até os campos de refugiados organizados pelos Médicos Sem Fronteiras, a quem o livro é dedicado. O fotógrafo percorreu o Mali, o Chad, a Etiópia, o Sudão e a Eritréia para conseguir essas imagens e, por conta de seu envolvimento intenso com essas populações, conseguiu fotos verdadeiramente assustadoras. O lucro proveniente da venda dos livros resultantes desse projeto foi parcialmente doado à organização.

TRABALHADORES (1986- 1993): Conjunto de fotografias sobre o serviço manual, viajando através de diversos países. Levou sete anos para ser realizado e reúne 350 fotos de trabalhadores de várias partes do mundo, ao longo de 400 páginas. A intenção inicial do projeto era de prestar uma homenagem aos que vivem dessa ocupação, já que Salgado o entendia como a parte mais importante na produção. No entanto, ao encontrar pessoas empregadas em condições subumanas no garimpo de Serra Pelada, o projeto mudou de foco e passou a ser o retrato da natureza penosa do ofício manual. Procura

mostrar que, ainda que estejamos entrando na era das máquinas e computadores, ainda existem muitas pessoas que trabalham exclusivamente de forma manual e com esforço físico extremo. O projeto procura funcionar como o retrato de uma época que caminha para a pós modernidade, mas que ainda possui traços de atividades remuneradas manuais. Mostra um pouco da Revolução Industrial e sua política excludente e faz refletir sobre quem, de fato, faz parte dessa revolução. Enquanto uma mínima parcela da população pode usufruir do crescimento econômico e do aumento na produção gerado por ela, a outra parte é excluída dessa sociedade de consumo e continuam empregados em condições subumanas, em regime de, praticamente, escravidão. Ele fotografa os garimpeiros no Brasil que originaram as famosas fotos de Serra Pelada, os trabalhadores nas minas de enxofre na Indonésia, a construção de barragens para irrigação na Índia, a pesca do atum na Sicília, os incêndios em poços de petróleo no Kuwait.

RETRATO DAS CRIANÇAS DO ÊXODO:O livro reúne retratos de crianças passando por situações extremamente dolorosas, feitos durante o projeto Êxodos. As fotos transmitem sentimentos muito marcantes. As crianças retratadas conheceram desde muito cedo o significado de palavras como morte, fome, genocídio, abandono. Apesar disso, através do olhar dessas crianças, é possível perceber esperança e força. A melhor forma de explicar o porquê desse trabalho é usar as próprias palavras do fotógrafo:

Certo dia, essas crianças viram um estranho com uma câmera e pularam e gritaram, excitadas com a novidade. Então, foi feito um acordo: para que deixassem o visitante trabalhar em paz, foram convidadas a fazer fila para serem retratadas. Uma a uma, fitaram a câmera e decidiram como ela devia registrá-las. As crianças fotografadas aqui são como as dezenas de milhões que podem ser encontradas em favelas, campos de refugiados e acampamentos camponeses da América Latina, África, Ásia e Europa.⁴

ÊXODOS (1994-1999): Esse livro em especial é um grande marco na vida pessoal e profissional de Sebastião Salgado. O projeto acabou sendo indiretamente responsável pela definição do tema de seu próximo trabalho, Gênesis. O conjunto de fotografias de Êxodos retrata a dor de forma extrema. Representa a migração de milhões de pessoas ao longo do globo, desalojadas de seus lares por conta de guerras, pobreza, fatores naturais e outras adversidades. As imagens representam os problemas que a economia capitalista vem trazendo ao terceiro mundo e a forma com que isso está atingindo sua população. Sebastião

⁴Site Amazonas Images. Disponível em: <https://www.amazonasimages.com/travaux-portraits>.

Salgado sai desse trabalho extremamente fragilizado e começa a repensar seu papel como fotógrafo e como ser humano.

GÊNESIS (2004-2012): É uma declaração de amor do fotógrafo à natureza. De certa forma, foi a forma que Sebastião Salgado encontrou de voltar a acreditar que o mundo ainda é um lugar bom e a constatação de que nele existem coisas incrivelmente belas. Ele deixa de lado seu objeto de trabalho até então, o homem, para retratar a natureza em sua forma mais bela e imponente. No trabalho, o artista fotografou lugares intocados pelas mãos do homem e mostrou populações que ainda vivem segundo antigas culturas e tradições. Gênesis serve como um tratamento para Salgado, uma imersão intensa onde ele achou forças para voltar a acreditar em um mundo melhor. Ele busca com esse trabalho levantar a discussão a respeito da importância da preservação da natureza.

Pelos trabalhos mencionados, Sebastião Salgado ganhou diversos prêmios ao redor do mundo e ficou conhecido internacionalmente como um dos melhores fotojornalistas da história. Entre os principais, destacam-se o Prêmio Nacional de Fotografia, concedido pelo Ministério da Cultura brasileiro em 1997, o Prêmio Alfred Eisenstaedt de “Lenda Viva”, pela Life Magazine, em 1998 e o Prêmio Faz Diferença, organizado pelo Jornal O Globo, em 2008.

O fotógrafo é Embaixador da Boa-Vontade pela Unicef e membro honorário da Academy of Arts and Science, dos Estados Unidos. Além disso, ao longo dos anos, Sebastião Salgado tem contribuído com diversas organizações humanitárias, incluindo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, (Acnur), a Organização Mundial da Saúde (OMS) e as ONGs Médicos sem Fronteiras e Anistia Internacional.

Para alguns, sou um fotojornalista. Não é verdade. Para outros, sou um militante. Tampouco. A única verdade é que a fotografia é minha vida. Todas as minhas fotos correspondem a momentos intensamente vividos por mim. Todas elas existem porque a vida, a minha vida, me levou até elas. Porque dentro de mim havia uma raiva que me levou àquele lugar. Às vezes fui guiado por uma ideologia, outras, simplesmente pela curiosidade ou pela vontade de estar em dado local. Minha fotografia não é nada objetiva. Como todos os fotógrafos, fotografo em função de mim mesmo, daquilo que me passa pela cabeça, daquilo que estou vivendo e pensando” (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 47).

Por conta de sua humildade, do respeito pelos fotografados por sua forma diferenciada de enxergar o outro, Salgado conseguiu narrar histórias de dor, guerra,

sofrimento e abrir os olhos de milhares de pessoas que nunca veriam tão de perto a dor nos olhos de outra pessoa. E ele consegue fazer isso de forma extremamente humana, respeitosa. Suas fotos testemunham a dignidade da humanidade e protestam contra a violação dessa dignidade por meio da guerra, pobreza ou quaisquer outras injustiças.

Salgado justifica a escolha dos temas que fotografou antes de *Gênesis* como um resultado daquilo que já havia vivido até ali. Segundo o fotógrafo:

Quando me perguntam como cheguei à fotografia social, respondo: foi como um prolongamento de meu engajamento político e de minhas origens. Vivíamos cercados por exilados que, como nós, haviam fugido das ditaduras da América do Sul, e também da Polônia, de Portugal, de Angola... Assim, foi natural começar a fotografar os emigrados, os clandestinos (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 41).

4. A DEGRADAÇÃO HUMANA EM ESCALA PLANETÁRIA

O fotógrafo dedicou boa parte de sua trajetória a fotografar o homem e seu universo. Mergulhou fundo ao retratar suas emoções, angústias, tristezas, incertezas. E em seu último trabalho retratando o homem, *Êxodos*, se viu cansado. Na verdade, mais do que isso, se viu doente. *Êxodos*, documentação de uma massa gigantesca de pessoas que precisam abandonar suas próprias casas e viram andarilhos sem pátria, buscando encontrar um lugar onde possam recomeçar, choca pela violência. Saber que boa parte daquelas pessoas fotografadas acabou morta, em campos de refugiados ou em favelas do Terceiro Mundo, é desolador. Todos os que estão sendo retratados através daquelas lentes estão à mercê de forças maiores, contra as quais não conseguem nem podem intervir. Não têm controle sobre as próprias vidas, não tomam as próprias decisões. São pessoas que sofrem as consequências de medidas políticas e econômicas das quais não tem sequer entendimento.

Apesar da violência estar representada de forma latente nas fotografias desse projeto, também é possível perceber uma outra marca: a capacidade do ser humano de resistir. A forma como, mesmo diante de situações aterrorizantes, as pessoas conseguem descobrir forças para prosseguir.

A aproximação constante com todo aquele sofrimento fez com que o fotógrafo ficasse fisicamente e psicologicamente afetado. E, durante o desenvolvimento de *Êxodos*, ele percebeu que não estava imune a toda aquela confusão de sentimentos que conseguia expressar tão bem em suas fotos. O projeto de *Êxodos* resultou em 600 fotos extremamente fortes de pessoas que foram obrigadas a abandonar suas pátrias para viver como imigrantes. Muitas delas andam sem rumo, sem saber o que irá acontecer com suas próprias vidas, à mercê do que o destino lhes guarda. O objetivo de Salgado com esse projeto é mostrar que as migrações das populações, pelos mais variados motivos, têm mais a ver com a criação de barreiras para aqueles que não se enquadram em um padrão de consumo específico, do que com a construção de um mundo sem fronteiras. Mostra o quanto é excludente esse capitalismo que favorece apenas os que possuem poder aquisitivo de consumir e se manter vivo nesse sistema. “O mundo está dividido em duas partes: de um lado a liberdade para aqueles que têm tudo, do outro a privação de tudo para aqueles que não têm nada”. (SALGADO; FRANCO, 2014. p. 42)

O fotojornalista percorreu cerca de 40 países para documentar a migração massiva de populações. Ele se sente especialmente atraído por esse tema pois também teve que deixar seu país à força, na época da ditadura militar brasileira. Em todos os lugares do mundo as pessoas tendem a migrar pelas mesmas razões, sejam elas econômicas, sociais ou mesmo naturais. No entanto, na maioria das vezes esse deslocamento se dá por questões econômicas, que obrigam as pessoas a viverem em grandes favelas, sem condições básicas de vida e à mercê de epidemias e doenças. Em parceria com organizações especializadas em migração e deslocamento forçado de pessoas, em especial a Organização Internacional para as Migrações, com sede em Genebra e a Unicef, conseguiu reunir um bom material sobre o assunto e decidiu contar essas histórias de pessoas obrigadas a deixarem seus próprios lares.

O projeto foi dividido em cinco partes intituladas de “Refugiados e Migrados”, “Megacidades”, “Luta pela Terra”, “África” e “Retratos de Crianças”.

Em “Refugiados e Migrados”, são expostas fotos que retratam o conceito de migração. É uma reunião de fotos que mostram a dor no olhar das pessoas ao deixarem suas pátrias contra a própria vontade e a dúvida do que acontecerá em suas vidas dali pra frente. É uma espécie de resumo do termo Êxodos, que dá nome ao livro.



Figura 1. População migrando - Foto retirada de Êxodos

Em “Megacidades“, Salgado procura expor que, mesmo os locais que não estão propriamente inclusos nas áreas das grandes metrópoles, também sofrem com o crescimento desenfreado gerado por elas. São retratos de pessoas tentando sobreviver às péssimas condições de vida, muitas vezes sem acesso à saúde, educação, tratamento de esgoto. É o retrato de um grupo grande de pessoas que não vivem nas grandes cidades, mas têm suas vidas diretamente afetadas por aqueles que nelas vivem. Mostra que o indivíduo está inserido no sistema capitalista e em suas consequências, ainda que isso não expresse sua vontade.

“Luta pela Terra“ retrata a resistência de pessoas lutando pelo direito a um pedaço de terra para tentar sobreviver. É possível observar, nessas fotos, imagens feitas no Brasil, do Movimento dos Sem-Terra, que luta pela realização da reforma agrária no país, através da democratização no acesso à terra, o que possibilitaria a produção de alimentos em terras que estão abandonadas pelos seus donos. Um dos objetivos do Movimento é estabelecer um limite máximo para a propriedade da terra, garantindo sua utilização de forma racional. O trabalho mostra ainda a luta dos índios da Amazônia para assegurar o direito à terra que sempre foi deles e de diversos outros conflitos pelo globo. São movimentos sociais que lutam pelo direito de dar a todos uma terra para chamar de lar e dela poder viver.

Em “África“, Salgado visita alguns países do continente africano, tão bem conhecido por ele, e documenta de forma extremamente dolorosa alguns conflitos que o marcaram de forma profunda e que mais tarde foram decisivos no rumo de sua carreira. Entre eles, o genocídio em massa dos Tutsi, em Ruanda, em 1994, onde foram mortas mais de um milhão de pessoas. Para entender a dimensão do massacre, é necessário saber que, durante apenas 100 dias, 800 mil pessoas foram mortas em Ruanda por extremistas étnicos hutus. Eles assassinaram membros da minoria tutsi e diversos adversários políticos. Tinham acesso a listas com nomes de opositores, onde constavam também os nomes de todos os seus familiares. Nessa época, as carteiras de identidade diziam a qual grupo étnico as pessoas pertenciam, por isso eram feitos bloqueios nas estradas, nos quais era morta qualquer pessoa que fizesse oposição ao regime. As pessoas se matavam com armas de fogo e também com facões gigantes, que culturalmente muitas pessoas no país guardam em casa. Muitas mulheres tutsi foram mantidas nessa época como escravas sexuais. A situação era desesperadora e, apesar da ONU e da Bélgica terem forças de segurança em Ruanda, nunca receberam ordens para parar a matança. Sobre o assunto, um depoimento de Salgado:

Eu já havia testemunhado tantas tragédias ao longo de diferentes reportagens que me pensava imune a elas. Mas não estava preparado para encontrar tanta violência, tanto ódio e tanta brutalidade. Pensava que a Europa não conheceria novas limpezas étnicas; não imaginava o pesadelo dos Bálcãs. Os massacres e o genocídio que presenciei na África chegaram a tal grau de atrocidade que me deixaram doente. Profundamente apreensivo quanto ao futuro da humanidade (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 80).

(,,)

Vi homens fortes, combatentes, murcharem em poucas horas e morrerem como mosquitos. Devido à aglomeração, as diarreias infecciosas se propagavam à velocidade da luz e matavam milhares de pessoas por dia. Seus corpos não podiam nem mesmo ser enterrados, eram empilhados. Vi montanhas de cadáveres de centenas de comprimento. O exército francês chegava com um bulldozer para abrir valas comuns. A pá mecânica pegava de dez a quinze mortos de uma só vez e os colocava em buracos, às vezes deixando para trás um braço, uma cabeça, uma perna. Era insano. Os sobreviventes pareciam ter se tornado insensíveis (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 88).

Como já foi mencionado, em *Êxodos*, Salgado dedicou uma parte especial do projeto para as crianças. Trata-se de um segundo livro intitulado *Retrato das Crianças do Êxodo*, inspirado na constatação de que se as populações que estão em trânsito são vítimas, suas crianças conseguem ser ainda mais atingidas pelo problema, porque têm suas infâncias roubadas por questões que lhes fogem ao entendimento.

Salgado conta que seu trabalho com as crianças foi resultado da tentativa de responder a uma pergunta: Como é possível uma criança sorridente representar o infortúnio mais profundo? A dor exposta nesse projeto em específico chocou o mundo e pôs em cheque os sentimentos do fotógrafo. As crianças presentes nessa parte específica de *Êxodos* apresentam em seu olhar desde muito novas as marcas causadas pela fome, pela violência e pelo sentimento de não pertencer a lugar nenhum. E, mesmo assim seguiam resistindo, mesmo sem entender os motivos para tanto sofrimento.

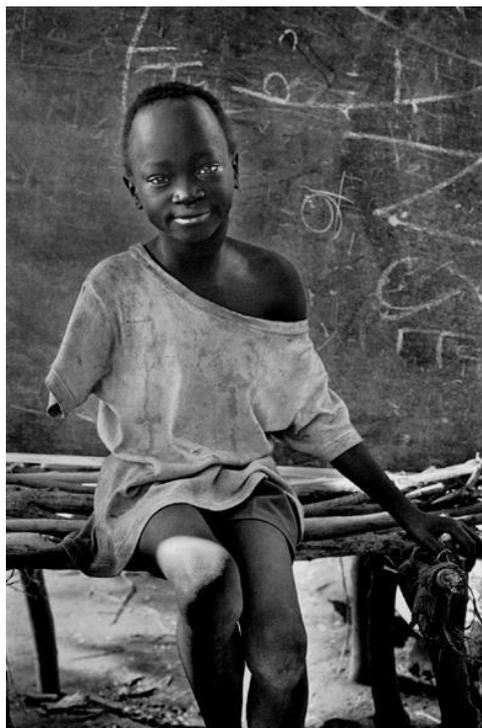


Figura 2. Criança na África - Retirada de Retratos das Crianças do Êxodo

Eu comecei a sentir que estava morrendo. Passei ali nove meses tão insuportáveis que meu corpo e minha mente começaram a me abandonar. Fui atacado por meus próprios estafilococos. Meu médico em Paris acabou me mandando parar com tudo para me tratar (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 88).

É possível fazer um paralelo entre a crise que Salgado vivia na época e as críticas que recebeu ao longo de sua carreira, principalmente por conta das fotos feitas em Êxodos. Muitas pessoas se mostram chocadas diante de sua capacidade de conseguir tirar fotos de pessoas diante de sofrimento extremo sem pensar em ajudar ou fazer algo para modificar aquela realidade. Segundo Susan Sontag, em seu livro *Sobre Fotografia*:

Fotografar é, em essência, um ato de não intervenção. Parte do horror de lances memoráveis do fotojornalismo contemporâneo, como a foto do monge vietnamita que segura uma lata de gasolina, a de um guerrilheiro bengali no instante em que golpeia com a baioneta um traidor amarrado, decorre da consciência de que se tornou aceitável, em situações em que o fotógrafo tem de escolher entre uma foto e uma vida, opta pela foto. A pessoa que interfere não pode registrar; a pessoa que registra não pode interferir (SONTAG, 2004, p.22).

Em muitos pontos de sua carreira, Sebastião Salgado sofreu duras críticas e foi acusado de produzir o que chamaram de “estetização da pobreza”, “estetização do sofrimento”. Muitos dizem que, obcecado pela composição de suas fotografias, Salgado

procura achar a beleza em retratos de pessoas lutando pela própria vida, à mercê de situações extremas.

Uma das maiores críticas é de que Salgado transformaria vítimas em obras de arte, fazendo com que as pessoas não vejam suas fotografias como uma crítica social. Suas obras não exigem do espectador uma ação real, mas sim a admiração pela beleza de suas imagens muito bem trabalhadas, e só.

De acordo com essa visão, a partir do momento que você estetiza a dor, o sofrimento, a pobreza, você a despolitiza. Ao transformar suas fotografias em um objeto de arte e ao expor essas fotos em museus, em livros extremamente caros aos quais só pessoas com alto poder aquisitivo tem acesso, o artista estaria abrindo mão de seu poder de denúncia e transformando-o em algo belo, que será admirado. As pessoas olhariam a dor com outros olhos. A acusação é de que o artista, nessa situação, usaria o sofrimento alheio para ganhar dinheiro, ao dar ênfase à beleza em momentos de intensa dor e sofrimento.

No entanto, existem os que defendem e admirem o trabalho do fotógrafo, concordando que ele representa uma forma de denúncia e uma tentativa de atrair a atenção para problemas ignorados pela maioria da população. João Sette Whitaker Ferreira, Mestre em Ciência Política pela Universidade de São Paulo e Doutor em Arquitetura e Urbanismo também pela Universidade de São Paulo, em seu texto “Porque as fotos de Salgado são belas...” reflete sobre as fotografias do artista:

“As imagens de Salgado são estranhamente belas. Talvez pela grandiosa técnica e pelo domínio do preto-e-branco. Mas certamente não só por isso. Talvez o que nos incomode mais, ao ver suas imagens, é sentir-nos obrigados a tentar entender porque as achamos belas. Pois não deveriam ser. Mas é inegável que cada foto de Salgado é espantosamente bela. Talvez essa beleza venha do fato que cada uma de suas imagens mexa diretamente com nosso coração. A cada olhar corresponde uma avalanche de emoções. Pois nos vemos de repente frente ao drama humano, frente e agravado, frente à evidência de que nosso mundo tornou-se vergonhosamente inaceitável. E ao ver aqueles olhos, daquele menino miserável, fulminado pelo drama da seca, da guerra, da fome, da violência, cada um de nós, por algum instante, pensa que aquele menino poderia ser filho seu. Pois o mundo tornou-se um cassino da sorte, em que qualquer um pode ser, a qualquer momento, fulminado pelos dramas que nossa própria humanidade construiu. Seja um ônibus em Kosovo, seja uma bala no Rio. E não é egoísmo nosso nos sensibilizarmos com aquela cena apenas porque poderia ser você ou eu naquela foto. É sim, solidariedade. Pois nos sensibilizamos com a emoção de poder partilhar,

compreender ao menos um pouquinho daquele drama graças à fotografia de Salgado”.⁵

O próprio fotojornalista defende sua forma de trabalhar e expor as desigualdades sociais e injustiças explicando a forma que encara suas fotos e a maneira que acredita estar fazendo diferença com elas:

Eu sempre me propus respeitar as pessoas o máximo possível, me esforçando em elaborar a melhor composição e a captar a mais bela iluminação... Se podemos mostrar uma situação dessa maneira – focalizar a beleza e a nobreza e ao mesmo tempo o desespero –, podemos então mostrar a alguém na América ou na França que essas pessoas não são diferentes. Minha intenção é fazer com que os americanos olhem a imagem dessas pessoas e enxerguem a si mesmos (SALGADO; CAMPBELL, 2003, p. 85).

Observando a evolução do trabalho de Salgado ao longo de sua carreira, é possível identificar esse cuidado em expor os fotografados como alguém que possui também beleza e dignidade. O fotógrafo procura tornar visível o que, à primeira vista, não é observado. Procura mostrar que o protagonista da foto não está tão distante de quem o está observando, que as semelhanças entre os dois são gritantes. Ambos são seres humanos. E tentar recuperar a dignidade dos que estão sofrendo através de uma foto não pode ser considerado crime.

Nenhuma foto, sozinha, pode mudar o que quer que seja na pobreza do mundo. No entanto, somadas a textos, a filmes e a toda a ação das organizações humanitárias e ambientais, minhas imagens fazem parte de um movimento mais amplo de denúncia da violência, da exclusão ou da problemática ecológica. Esses meios de informação contribuem para sensibilizar aqueles que as contemplam a respeito da capacidade que temos de mudar o destino da humanidade. (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 56).

O trabalho de um fotógrafo documental é expor algo. O objetivo do fotojornalismo social é, em parte, mostrar ao mundo imagens de situações que deveriam ser conhecidas por todos mas que, infelizmente, não são. É mostrar que, muito mais perto do que se imagina, existem pessoas sofrendo por conta de políticas excludentes, de uma globalização que beneficia pessoas que possuem um poder aquisitivo maior, que ignoram o desenvolvimento social e direitos básicos de moradia, alimentação e saúde. O papel do

⁵ Disponível em: <http://www.fau.usp.br/docentes/deprojeto/j_whitaker/salgado.html>.

fotógrafo humanista é expor essas imagens e, com sorte, conseguir gerar uma reflexão ou mesmo discussão a respeito do problema.

Sempre procurei mostrar as pessoas em sua dignidade. Na maioria das vezes, eram vítimas da crueldade, dos acontecimentos. Foram fotografadas quando tinham perdido suas casas, assistido ao assassinato de seus próximos, às vezes de seus filhos. A imensa maioria era formada por inocentes que não mereceram nenhuma das desgraças que caíram sobre suas cabeças. Minhas fotos foram tiradas porque pensei que o mundo inteiro devia saber. É meu ponto de vista, mas não obrigo ninguém a vê-las. Meu objetivo não é dar uma lição a ninguém nem tranquilizar minha consciência por ter despertado algum sentimento de compaixão em outrem. Fiz essas imagens porque eu tinha uma obrigação moral, ética, de fazê-las. Alguns me perguntarão: em tais momentos de desespero, o que é a moral, o que é a ética? No momento em que estou diante de alguém que está morrendo, é quando decido ou não se tiro a foto. (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 94).

O fotógrafo defende desde o início de sua carreira que suas fotos foram feitas para os folhetins, para estamparem jornais e revistas. Diz que os livros e exposições feitos ao fim de cada um de seus projetos funcionam como algo complementar e não são nem nunca foram prioridade. Dessa forma, é equivocado pensar que ele realiza grandes projetos com o objetivo de ganhar dinheiro às custas de pessoas passando por momentos delicados.

Mesmo sendo um documentarista, Salgado afirma que os seus livros são um subproduto, uma vez que em primeiro lugar trabalha para a edição na imprensa. Do meu ponto de vista, Salgado tem razão. As fotos que representam a humanidade não podem ser apenas para os livros ou para as exposições, já que assim, não só jogam a favor da não-democratização da cultura e do conhecimento, como também o seu impacto é menor. Elas têm de regressar às páginas dos jornais e das revistas, têm que estar disponíveis nos ecrãs dos computadores, seja em *home pages* na internet ou inseridas em jornais eletrônicos. (SOUSA, 2004, p. 191).

O fotógrafo sai de Êxodos extremamente abalado e doente por conta de tudo que viu durante os longos anos de imersão no tema e das críticas que questionavam seu papel como documentarista social. Conforme recomendação de seu médico, ele decide dar um tempo e deixar um pouco a fotografia de lado para se tratar, para se recuperar do que o contato com tantas tragédias lhe causou. Salgado acaba Êxodos com uma depressão muito forte e decidido a dar um descanso para seu corpo e sua cabeça. Dessa forma, ele se vê obrigado a parar sua carreira e cuidar da própria saúde. Busca conforto na própria família, fazendo algo que não fez muito durante a vida: ficar em casa.

Êxodos funciona como um ponto limite em sua carreira. É o momento que ele para e coloca na balança tudo que fora feito até ali. Questiona-se como fotógrafo, questiona qual a perspectiva de futuro diante de todo horror presenciado, questiona o ser humano e sua natureza. Reflete sobre a influência que sua fotografia tem no que retrata.

5. DO BICHO HOMEM AOS OUTROS BICHOS

É nesse momento, em que o fotógrafo se encontra extremamente perturbado pelas duras críticas recebidas e ainda em choque por todo o horror presenciado, que acontece uma virada na vida de Salgado. Ele volta para o Brasil, com a missão de cuidar dos pais adoentados, e acaba descobrindo onde encontrar sua cura.

Salgado volta à Fazenda Bulcão, em Aimorés, Minas Gerais, localidade onde nasceu em 1944, e onde passou toda a sua infância. À época, a fazenda era coberta por densa floresta tropical, possuía diferentes espécies de animais e o nosso personagem foi criado nadando em rios, frequentando cachoeiras e brincando na mata. Tudo que sua família consumia era produzido na própria fazenda. Como ele era o único menino em uma família de oito filhos, suas irmãs acabaram decidindo, após a morte de seus pais, passar a fazenda para seu nome. É possível traçar um paralelo entre a infância do fotógrafo e sua avidez por viajar, descobrir, criar grandes projetos e enfrentar grandes desafios. Salgado comenta:

Os projetos fotográficos que desenvolvo, sempre ao longo de vários anos e em diferentes locais do planeta, podem parecer de grande envergadura. Alguns dizem: Salgado é um megalomaniaco. Mas nasci num país imenso. Com seus 8 511 965 quilômetros quadrados, a superfície do Brasil é quinze vezes maior que a da França. Estou acostumado com grandes espaços e deslocamentos. Há muito tempo adquiri o hábito de dormir uma noite num lugar, depois, em outro. Quando era jovem, meus pais me deixavam visitar minhas irmãs mais velhas, que já eram casadas. Eu percorria sozinho distâncias equivalentes às de Paris – Moscou ou Paris – Lisboa. As comunicações não eram fáceis. Muito cedo precisei aprender a viajar (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 16).

Ao chegar na antiga fazenda que fora palco de todas suas aventuras durante a infância, o fotógrafo a encontra destruída. Quando criança, a fazenda possuía cerca de 50% de floresta tropical mas, quando ele retornou, restava apenas 0,5% dela. Era uma paisagem triste. As árvores estavam morrendo, os animais estavam sumindo e os rios secando. Foi então que, incentivado por Lélia, Salgado resolve se dedicar à recuperação daquilo que fora um dia uma floresta tropical.

Decide começar um ambicioso projeto de regeneração e, com a ajuda de um engenheiro florestal e da esposa, começou a produzir mudas e plantar milhões de árvores, somente de espécies nativas. Logo no primeiro ano, perderam muitas árvores; no

segundo, a perda foi menor e, daí para frente, a situação só melhorou e a floresta que existia ali anteriormente começou a ganhar vida novamente.

Com isso, foi construído um ecossistema semelhante àquele que fora destruído, e a vida começou a voltar de uma forma incrível. Em parceria, Salgado e Lélia trabalharam pela captação de recursos no Brasil e no exterior e fundaram uma organização ambiental sem fins lucrativos dedicada ao desenvolvimento sustentável do Vale do Rio Doce.

Foi necessário transformar essa terra, que antes era privada, em um parque nacional e, desse projeto, surgiu em 1988 o Instituto Terra. Suas principais ações envolvem a restauração ecossistêmica, a produção de mudas de Mata Atlântica, extensão ambiental, educação ambiental e pesquisa científica aplicada. O Instituto Terra foi um dos primeiros projetos arquitetônicos sustentáveis a ser concluído no país. Por esse trabalho, a WWF-Brasil, organização brasileira dedicada à conservação da natureza, concedeu o Prêmio Personalidade Ambiental ao casal. Graças ao Instituto Terra, mais de sete mil hectares de áreas degradadas estão em processo de recuperação e mais de quatro milhões de mudas de espécies de Mata Atlântica já foram criadas no interior de um viveiro para serem plantadas na Fazenda Bulcão e em outros projetos de restauração desenvolvidos na região. Eles planejam em 2050 alcançar a ambiciosa meta de replantar 50 milhões de árvores por todo o vale.

Em paralelo à revitalização das espécies da Mata Atlântica, ocorreu também o ressurgimento de nascentes e cachoeiras que estavam secas por conta da devastação da floresta.

Além do objetivo de recuperar o ecossistema que existia ali anteriormente, o casal se preocupou em tornar o Instituto um polo incentivador de uma nova consciência ambiental. Para isso, foi criado o Centro de Educação e Recuperação Ambiental, com a missão de criar tecnologias e debates a respeito do desenvolvimento sustentável. Os dois decidiram não apenas modificar o ambiente, mas criar uma base de propagação de ideias sobre o respeito à natureza e a importância de aliar o crescimento econômico à sua preservação.

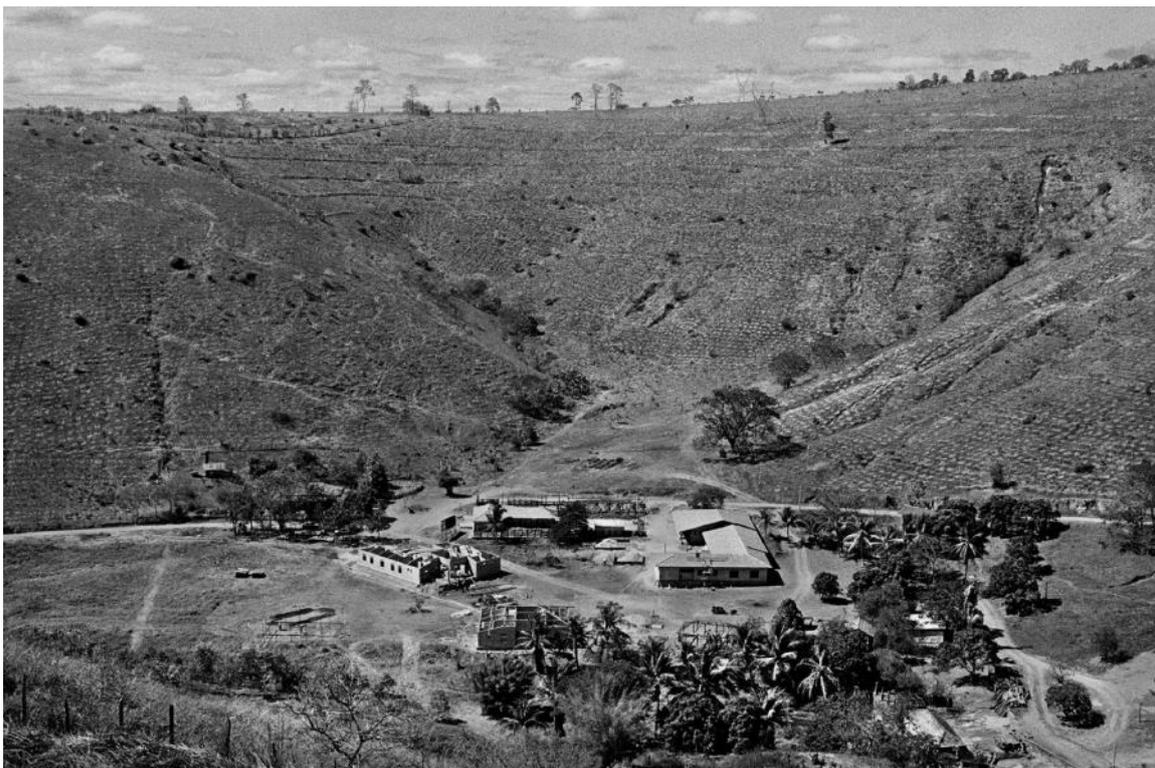


Figura 3. Fazenda Bulcão antes do reflorestamento - Retirada do site do Instituto Terra



Figura 4. Fazenda Bulcão depois do reflorestamento - Retirada do site do Instituto Terra

Diante do entusiasmo em presenciar o ecossistema local se regenerando, Salgado vislumbrou a possibilidade de se renovar também. Do mesmo modo que o fotógrafo precisou da natureza para se recuperar de todo mal que tinha visto e recuperar suas feridas internas, foi nela que se inspirou para o próximo projeto. No início, a ideia era fazer um projeto que denunciasse as consequências que as transformações políticas, sociais e econômicas estavam trazendo ao planeta. Queria expor as florestas que estavam sumindo, os bichos que entraram em extinção, os ecossistemas que estavam morrendo. Mas algo no meio disso fez com que mudassem de idéia. Foi quando o casal entrou em contato com a Conservation International, maior ONG de preservação ambiental do mundo. O próprio Salgado relata a surpresa que contato lhe reservou:

Descobrimos que aproximadamente 46% do planeta permanecem preservados. Os seres humanos destruíram uma boa metade do planeta – é colossal -, mas a outra metade, ou quase, continua intacta, e isso me pareceu fantástico. Uma parte da Amazônia foi de fato destruída, mas ainda restam no mínimo 75%, dos quais a maior parte está no Brasil. Em todo o mundo, grandes áreas da floresta tropical foram destruídas — o que não impede que uma boa parte resista. Além disso, todos os locais de difícil acesso escaparam à destruição humana: os desertos e as terras frias, tanto no Sul quanto no Norte. A Antártica tem 99,9% de terras virgens. Idem para as terras situadas a mais de 3 mil metros, muito difíceis de explorar (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 64).

Foi daí que surgiu a ideia de seu próximo projeto, Gênesis. E é nesse momento que o fotógrafo faz uma virada histórica em sua vida: troca o homem pela natureza. Ele pensa no seu desejo de voltar a fotografar e se dá conta que não quer mais continuar retratando o animal com quem trabalhou durante a vida inteira, o homem. Seu desejo era fotografar os animais, as paisagens, o princípio de tudo. Ele decide começar a fotografar a natureza e tudo que diz respeito a ela, voltar à origem de todos nós. Através da descoberta de que ainda existe uma parcela muito grande do planeta intacta, ele reacende a esperança que havia perdido durante o projeto Êxodos, acreditando que a humanidade pode ter um futuro harmonioso, mesmo diante de tanta maldade e violência. É quando Sebastião Salgado faz a importante migração do bicho homem para o “bicho bicho” e encontra na natureza a possibilidade de voltar àquilo que mais amava: a fotografia.

E a vida começou a voltar, e tive um grande desejo de voltar a fotografar novamente. Nessa época, meu desejo não era o de fotografar apenas um animal que eu havia fotografado toda minha vida: nós. Queria fotografar os outros animais, fotografar as paisagens, fotografar a nós, mas no princípio de tudo, no tempo em que vivíamos em equilíbrio com a natureza.⁶

O Salgado de Êxodos é o Salgado economista, que foi criticado mundo afora, que sofreu uma depressão hostil, que precisou se tratar e que transcendeu esse momento difícil, superando a própria depressão através do reflorestamento da sua antiga fazenda. É o fotógrafo que perdeu a esperança na humanidade depois de testemunhar tanta violência e recuperou essa esperança ao ver o poder de regeneração da natureza.

Já o Salgado de Gênesis é o Salgado ambientalista, que volta fortalecido para fazer algo que nunca havia feito antes e enfrentar um dos maiores desafios de sua carreira: o de registrar a natureza. O homem que elabora um projeto para documentar os locais do planeta ainda intocados pelas mãos do homem, o que ainda resta de nossas origens mais antigas, com o objetivo de levantar a discussão sobre o que precisamos conservar se quisermos viver com equilíbrio.

Em concomitância a Gênesis, nasceu também um outro projeto importante na vida de Salgado, o documentário O Sal da Terra, dirigido pelo consagrado cineasta alemão Win Wenders, que narra um pouco dessa mudança que ocorre na vida do fotógrafo. A película conta ainda com a codireção de Juliano Ribeiro Salgado, filho mais velho do fotógrafo, que esteve desde muito novo mergulhado nesse universo e é o responsável por diversas filmagens em viagens do pai antes mesmo do início do projeto em si. Juliano começou a acompanhar Sebastião em algumas viagens ainda pequeno, mas os dois não tinham muita intimidade, por conta da pouca convivência, graças aos projetos que mantinham o fotógrafo longe de casa durante longos períodos.

O filme traça um retrato inédito de Salgado, uma vez que mescla relatos de familiares, comentários do diretor e falas do próprio fotógrafo, expondo suas experiências e sentimentos. Conta sobre os bastidores das suas longas e difíceis viagens e mostra um pouco das histórias por trás de suas fotografias mais famosas.

É um retrato perfeito dessa migração no foco de seu trabalho, do bicho homem para a natureza. Nele, Salgado conta abertamente as dificuldades que precisou encarar durante a

⁶Disponível

em: https://www.ted.com/talks/sebastiao_salgado_the_silent_drama_of_photography/transcript?language=pt-br.

forte depressão que enfrentou após a conclusão de Êxodos e narra a revitalização de sua antiga fazenda como forma de cura. É possível ver explicitamente nas imagens do documentário a recuperação da esperança perdida em Êxodos quando ele fala sobre a fazenda Bulcão e a criação do Instituto Terra.

O filme foi indicado ao Oscar de melhor documentário em 2015, recebeu o Prêmio do Júri na seção Um Certain Regard do Festival de Cannes 2014 e também o prêmio Frances César como melhor documentário em 2015.

6. GÊNESIS

O significado da palavra Gênesis, segundo o dicionário, é “processo de formação, o princípio de origem”. Assim é chamado o primeiro livro do Antigo Testamento, que narra a origem do universo. Para Sebastião Salgado, que se declara abertamente ateu, a palavra traduz exatamente aquilo que é exposto ao longo do livro, através de fotos de tirar o fôlego: a premissa básica de que temos, todos, a mesma origem.

Gênesis é resultado de um grandioso projeto que nasceu em 2004 e durou oito anos percorrendo cerca de 30 países. Tinha como objetivo mostrar que ainda existe muito a ser salvo e preservado no nosso planeta, apesar da constante destruição exercida pelo homem. Gênesis foi concluído em 2013 e a exposição começou a rodar o mundo em 2014, quando o fotógrafo completou 70 anos de idade.

Engana-se quem acha que não existe a presença do homem em Gênesis. Salgado registrou a vida de indivíduos que em pleno século XXI vivem de forma completamente harmônica com a natureza. São pessoas que vivem sem contato com a civilização e de acordo com suas próprias regras. Exemplo disso são as fotos da tribo dos Zo'e, na floresta Amazônica.

O livro é dividido em cinco partes: “Extremo Sul do Planeta”, “Extremo Norte do Planeta”, “África”, “Amazônia/Pantanal” e “Santuários do Planeta”. Para completar o projeto, Salgado precisou fazer uso dos mais diferentes meios de transporte, incluindo canoas, helicópteros, balões, e enfrentar temperaturas e situações extremas.

“Santuários do Planeta” expõe o que foi vivenciado nas Ilhas Galápagos, Nova Guiné, Sumatra e Madagascar. No primeiro lugar visitado, as ilhas Galápagos, Salgado afirma ter seguido os passos de Charles Darwin, que ali escreveu “O diário do Beagle”, em 1839, apresentando a teoria evolucionista. As fotos dessa parcela do projeto Gênesis mostram paisagens vulcânicas, populações anciãs e fauna intocada. Salgado narra a primeira experiência do projeto Genesis no livro *Da minha terra a terra*:

Deparei-me com uma tartaruga gigante, enorme, de no mínimo duzentos quilos, da espécie que deu nome ao arquipélago. Cada vez que me aproximava, a tartaruga se afastava {...}. Então refleti e pensei comigo mesmo: quando fotografo seres humanos, nunca chego de surpresa ou incógnito a um grupo, sempre me apresento. Depois me dirijo às pessoas, explico, converso e, aos poucos, nos conhecemos.

Percebi que, da mesma forma, o único meio de conseguir fotografar aquela tartaruga seria conhecendo-a; eu precisava me adaptar a ela. Então me fiz tartaruga: fiquei agachado e comecei a caminhar na mesma altura que ela, com palmas e joelhos no chão. A tartaruga parou de fugir. E quando se deteve, fiz um movimento para trás. Ela avançou na minha direção, eu recuei. Esperei um momento e depois me aproximei, um pouco, devagar. A tartaruga deu mais um passo na minha direção e, imediatamente, dei mais alguns para trás. Então ela veio até mim e se deixou observar tranquilamente. Foi quando pude começar a fotografá-la. Levei um dia inteiro para me aproximar dessa tartaruga. Um dia inteiro para fazê-la compreender que eu respeitava seu território (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 9).



Figura 5. Tartaruga em Galápagos- Retirada de Gênesis

Baseado nas narrativas do fotógrafo a respeito da experiência de fotografar algo que nunca havia fotografado antes, a natureza, é possível perceber que Salgado utilizou os mesmos métodos que seguiu durante toda sua carreira. O animal não é uma espécie tão distante evolutivamente do homem e a chave do sucesso em retratar homens e animais é basicamente a mesma: respeitar o espaço e a natureza do outro. Ele explica:

Compreendi que para fotografar um animal é preciso amá-lo, sentir prazer em contemplar sua beleza, seus contornos. É preciso respeitá-lo, preservar seu espaço e seu conforto ao se aproximar, observá-lo e fotografá-lo. Partindo desse princípio, pude trabalhar com os outros animais da mesma forma como trabalho com os homens (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 16).

Em “Extremo Sul do Planeta“, Salgado visita a Antártida, o sul da Georgia, as Ilhas Malvinas, as Ilhas Sandwich do Sul e as montanhas e costas meridionais da Argentina e Chile. E o resultado é uma mistura de paisagens cobertas por muita neve e retratos de animais vivendo uma vida selvagem e livre. Apesar do ambiente hostil, as fotos estampam pinguins, baleias, leões marinhos e albatrozes.



Figura 6. Pinguins na Antártida - Retirada de Gênese

“Extremo Norte do Planeta“ mostra o norte da América e da Rússia. Além dos enormes e imponentes ursos polares, o fotógrafo pode conhecer no norte da Sibéria os Nenet, nômades criadores de renas. A tribo vive em condições extremas de temperatura, entre 30 e 40 graus negativos, conhecidas como as mais baixas do planeta Terra. Salgado descreve:

Ao fim do dia, depois de percorrer quilômetros de trenó, um nenetse constrói seu tchum, uma tenda feita de pele de renas. Tudo o que ele possui cabe ali dentro. No dia seguinte, ele a desmonta rapidamente e todos os seus bens voltam para os trenós. {...} Esses homens do frio vivem com pouco; mesmo assim, sua vida é tão intensa, tão plena e tão forte em emoções quanto a nossa. Talvez até mais, pois tanto multiplicamos os bens materiais para tentar nos proteger que acabamos nos esquecendo de viver (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 132).

“África“ busca mostrar o continente africano de forma bem diferente do que havia sido feito em seu último trabalho, Êxodos. Dessa vez, para entender a imensidão do continente, Salgado percorreu Botswana, Ruanda, Congo, Uganda, Etiópia e os desertos do Kalahari, da Líbia e da Nigéria.



Figura 7. Elefantes na África - Retirada de Gênesis

Na parte dedicada à “Amazônia e Pantanal“, o fotojornalista se aventura pelo Brasil, retratando a enorme diversidade de flora e fauna. Entra em contato com tribos isoladas do Pantanal à região do Rio Xingu. Para tal, foi auxiliado por antropólogos, com o apoio da Funai, e precisou passar por diversos exames e recomendações antes de ter contato direto com essas tribos. Foi acompanhado por uma linguista que ajudou no processo de comunicação. Salgado relata sua experiência com a tribo Zo’és, que vive na costa atlântica.

Esse povo me encantou por sua doçura. Não conhece a violência, nenhum tipo de briga. Mais surpreendente ainda, ignora a mentira. Não sei quem a inventou, qual civilização, mas os zo’és não mentem. Quando há um mal-entendido, os dois oponentes sobem num tronco de árvore. Cada um fica de um lado, e a comunidade se coloca atrás deles. Cada um expõe os motivos da diferença. Quando um deles apresenta um argumento, alguém da assistência imediatamente o corrige ou modera; o outro responde e assim por diante. É quase um exorcismo. Seja como for, o mal-entendido acaba em entendimento e dá origem a uma festa de reconciliação. Nessa tribo, não existe “não”, tampouco repressão (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 112).



Figura 8. Tribo Zo’és na Amazônia- Retirada de Gênese

O fotógrafo relata como essas imersões em culturas absolutamente afastadas da civilização o modificaram e o fizeram reaprender alguns aspectos importantes de sua própria vida.

Gênesis não representou apenas uma grande mudança social na vida de Sebastião Salgado, caracterizada pela mudança do foco de seu objeto de trabalho, mas também uma mudança tecnológica, porque foi em Gênesis que ele aderiu à tecnologia digital e deixou de lado o filme analógico. Apesar de ter começado a fotografar Gênesis com uma câmera Leica analógica, formato 35 mm, que o acompanhava desde seus trabalhos anteriores, chegou à conclusão que adotar a câmera digital e o médio formato seriam escolhas mais adequadas, tanto por questões técnicas como logísticas. E o fotógrafo ficou surpreso com o resultado, conforme relatou em entrevista ao Jornal Zero Hora:

Trabalhei minha vida toda com filme. Mas, depois dos atentados de 11 de setembro, a segurança mudou muito nos aeroportos, foram aumentando os raios X até um ponto que, em 2008, eu não podia mais usar filme. Em uma viagem, eu passei por sete aeroportos, alguns com dois controles de raios X. Na maioria dos casos, passando uma vez, não incomoda muito o filme. Mas, passando três a quatro vezes, aí modifica a estrutura do grão do filme, as gamas de cinza. Então, começou a prejudicar muito o trabalho. Eu não aguentava mais, era uma tensão. O filme que usei para o Genesis era de médio formato, um tipo de filme largo e comprido, chamado 220, e que não tem invólucro metálico de proteção como o de 35mm. Então, era um filme muito mais exposto. Aí, chegou a hora de tomar uma decisão: ou eu resolvia esse problema ou abandonava o Genesis pela metade.⁷

Ainda na mesma entrevista ao Jornal Zero Hora, o fotógrafo completa:

Quando descobri o digital, por um amigo meu, Philippe Bachelier, fotógrafo francês, comecei a fazer testes e vi que a qualidade era excelente. Levei dois anos para produzir um negativo de altíssima qualidade. Hoje, tenho um negativo melhor do que o negativo que eu produzia diretamente fotografando com a câmera. O meu processo digital ainda é finalizado com filme.⁸

Apesar de ter adotado a câmera digital, com uma Canon 1Ds Mark III, Salgado ainda trabalha da mesma forma que fazia desde o início de sua carreira. Não consegue fazer a seleção de suas fotos em uma tela de computador, por isso ao regressar de suas

⁷Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/02/sebastiao-salgado-fala-de-genesis-projeto-que-o-levou-a-30-paises-em-oito-anos-4419763.html>.

⁸Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/02/sebastiao-salgado-fala-de-genesis-projeto-que-o-levou-a-30-paises-em-oito-anos-4419763.html>.

pautas, imprime suas fotos antes de iniciar o processo de edição, lembrando os tempos em que fazia uma prancha de contato e editava com a lupa.

Pelo fato do fotógrafo ter trabalhado com fotos em preto e branco durante toda sua carreira, é de se estranhar que sua mais recente escolha de projeto envolva a natureza e todas as suas cores. No entanto, ao observar as imagens feitas ao longo de oito anos, é possível entender que a cor não se faz necessária para expor a beleza e a perfeição do meio ambiente e de seus animais. Salgado afirma:

Não foi porque me voltei para a natureza, em “Gênesis”, que renunciei ao preto e branco. Não preciso do verde para mostrar as árvores, nem do azul para mostrar o mar ou o céu. A cor pouco me interessa na fotografia (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 127).

De fato, quando olhamos as fotografias de Genesis, vemos uma natureza diferente. Podemos prestar atenção nas texturas, nos detalhes e em luzes que não veríamos, ou deixaríamos em segundo plano, se fossem fotos coloridas. A cor tende a impressionar e ao mesmo tempo distrair o espectador. As fotos feitas por Salgado são o oposto daquilo que vemos nas demais fotos de fauna e flora. É estranho imaginar que seja possível retratar a natureza de forma plena sem mostrar suas cores. No entanto, a partir de sombras e apenas com o preto e o branco Salgado consegue transmitir toda sua grandiosidade e consegue emocionar, mesmo sem o cromatismo presente na natureza.

Com o preto e branco e todas as gamas de cinza, porém, posso me concentrar na densidade das pessoas, suas atitudes, seus olhares, sem que estes sejam parasitados pela cor. Sei muito bem que a realidade não é assim. Mas quando contemplamos uma imagem em preto e branco, ela penetra em nós, nós a digerimos e, inconscientemente, a colorimos. O preto e branco, essa abstração, é, portanto, assimilado por aquele que o contempla, que se apropria dele. Considero seu poder realmente fenomenal. Por isso, sem hesitação, foi em preto e branco que decidi homenagear a natureza. Fotografá-la assim foi a melhor maneira de mostrar sua personalidade, de destacar sua dignidade. Da mesma forma que para se aproximar dos homens e dos animais, para fotografar a natureza é preciso senti-la, amá-la, respeitá-la. Para mim, tudo isso passa pelo preto e branco. É meu gosto, minha escolha, mas também uma necessidade e às vezes uma dificuldade (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 128).

As fotografias apresentadas no livro vão do macro ao micro. Salgado mostra desde os menores detalhes na “mão” de uma iguana até a imensidão de paisagens. São imagens que nos fazem atentar para a textura que muitas vezes deixamos de perceber na natureza por estarmos extasiados com toda sua cor. Ele explica:

Quando fui fotografar uma iguana em Galápagos, pensei que esse animal não tinha nada a ver comigo, é muito mais próximo de um dinossauro. Mas quando botei uma lente macro na pata da iguana, eu vi a mão de um guerreiro da Idade Média, com as luvas de metal para se proteger na luta. Até as angulações que eu tenho na mão, ela tem igualzinha, os cinco dedos, tudo certinho. Aí você vê que a iguana é minha prima, eu descobri um parente, porque nós todos viemos da mesma célula. A gente tem que entender essa relação, aprender a ver e a viver menos rápido, a observar tudo no planeta, e fazer esse retorno em direção à natureza. Senão, corremos o grande risco de perder esse elo, essa ligação, e depois não ter mais direito de voltar atrás.⁹



Figura 9. Detalhe da mão de uma iguana em Galápagos - Retirada de Gênesis

Outro ponto de mudança que ocorre neste último projeto é a presença de fotos de grafismos, algo que nunca havia aparecido antes em seus trabalhos. É possível ver imagens de desertos, montanhas onde a luz e as formas se misturam, criando imagens gráficas. Em muitas fotografias ao longo de Gênesis é possível perceber essa incorporação de grafismos.

⁹Disponível em: <<http://www.cultura.rj.gov.br/materias/os-paraisos-de-sebastiao-salgado>>.

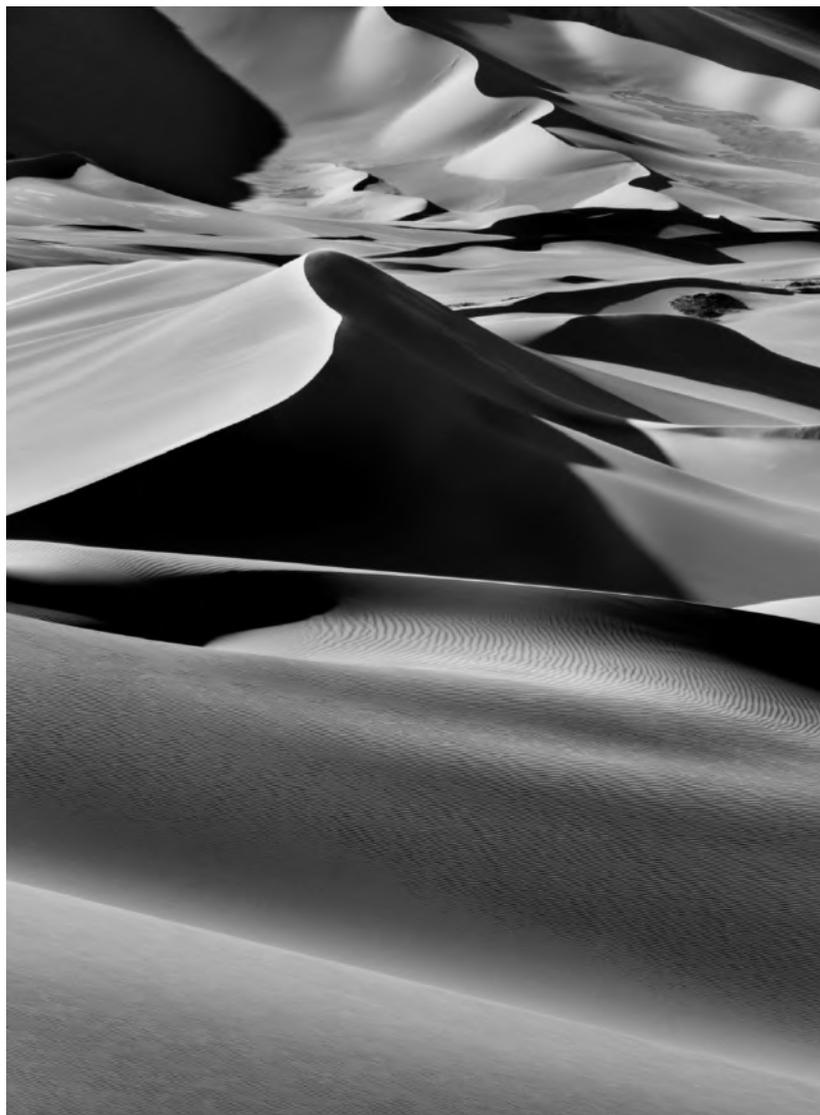


Figura 10. Deserto - Retirado de Gênesis

No livro *Da minha Terra a Terra*, Salgado explica que ao descobrir o planeta descobriu a si mesmo. Usando o mesmo tipo de linguagem, a fotografia, Salgado foi capaz de mostrar toda crueldade exercida pelo ser humano e também toda a beleza de nossa origem, do que éramos nos primórdios. Ele diz que a natureza lhe deu uma aula de humanidade em *Gênesis* e relatou que, pela primeira vez, mesmo tendo visitado cerca de 120 países ao longo da carreira, sentiu-se conhecendo, de fato, o planeta. E completa explicando o que esse projeto significou, de fato, para ele:

No fundo, posso dizer que o maior presente que dei a mim mesmo nesses oito anos foi ter ido ao encontro de minha própria espécie tal

qual ela vivia há milhares de anos. Ela me ensinou muitas coisas que eu havia cometido o erro de esquecer (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 135)

O fotógrafo comenta que terminou as reportagens referentes a Gênesis esgotado fisicamente após enfrentar climas extremamente rigorosos e andar durante tantos quilômetros a pé. No entanto, apesar do cansaço físico conta que ficou energizado por dentro pelo contato direto com a natureza durante tantos anos seguidos. Foi uma terapia de imersão para se recuperar de tudo que havia vivenciado ao longo de uma vida inteira como fotógrafo social. E que ao longo dessa jornada pôde voltar a origem de todos nós e ver o quanto estamos errados.

Vi o que éramos antes de nos lançarmos à violência das cidades, onde nosso direito ao espaço, ao ar, ao céu e à natureza se perdeu entre quatro paredes. Erguemos barreiras entre a natureza e nós. Com isso nos tornamos incapazes de ver, sentir..” (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 144)

Salgado reflete ainda como nem todo processo de evolução é necessariamente positivo e que chegamos a um ponto de degradação do ser humano e destruição da natureza que é necessário para e olhar para trás para entendermos onde foi que começou a dar errado. Alerta que não é necessário retroceder, abrir mão do conforto que a evolução gera, mas sim conhecermos nossas referências, nosso instinto e nossa espiritualidade.

Foi nosso senso de comunidade e nossa espiritualidade que nos fizeram sobreviver até aqui. E foi isso que tentei colocar em minhas fotos. Nunca trabalhei de maneira individualista, arrancando imagens. Fotografei pessoas a vida inteira e nunca sofri um único processo. Já fotografei pessoas em situações difíceis, no limite de tudo. Mas nunca me senti um *voyeur*, nunca experimentei ser um. Por outro lado, com Gênesis fui me dar conta de como sou velho. Senti-me eu mesmo e senti-me em meu grupo, mas transportado a 5 ou 10 mil anos atrás. O que corroborou muitas de minhas convicções. Nenhum dos homens ou mulheres que encontrei, fossem eles nenetses, abissínios, zo'és, himbas ou papuas da Nova Guiné, é muito diferente de mim. Temos exatamente a mesma relação com o amor, a felicidade e o prazer, ou seja, com tudo que é essencial na vida. (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 133)

Por fim, ele fala sobre como podemos melhorar nossa convivência e a forma como nos relacionamos com a natureza, percepções que este último projeto despertou.

“Gênesis me fez ter consciência de que de tanto nos afastarmos da natureza, com a urbanização, nos tornamos estrangeiros no planeta, nos tornamos seres estranhos. Mas não se trata de um problema insolúvel. A solução passa pela informação- e ficarei feliz se puder ter contribuído com ela. Gostaria que compreendessem que a saída para o perigo corrido pelos homens e por todas as espécies do planeta não é voltar para trás, mas voltar-se para a natureza.” (SALGADO; FRANCO, 2014, p. 145)

CONCLUSÃO

O livro desenvolvido em parceria com Isabelle Francq diz mais sobre a trajetória do fotojornalista do que se supõe a olhos desatentos, uma vez que expõe a transformação ocorrida na vida e na carreira de Sebastião Salgado. O título *Da minha Terra à Terra* explicita a forma como a fazenda Bulcão influenciou o projeto *Gênesis* e a tentativa de redescobrir o planeta Terra e suas regiões intocadas pelas mãos do homem e também a forma como voltar às próprias origens salvou o fotógrafo da depressão que viveu por conta dos intensos anos fotografando conflitos, guerras e tragédias.

A grande mudança que ocorreu na vida do fotógrafo fica explícita também pelo título dos seus dois últimos trabalhos: *Êxodos* e *Genesis*. Os dois são termos bíblicos. O primeiro é um dos nomes dos livros que compõe a Bíblia, onde são narradas histórias a respeito da fuga dos hebreus da escravidão que sofriam no Egito. Seu protagonista é Moisés, que liderava o povo para a saída das terras egípcias em direção à Canaã, a “Terra Prometida”. Já *Gênesis* é o primeiro livro da Bíblia, que remete à origem, nascimento, ou no caso de Salgado, renascimento. A publicação de *Gênesis* após a de *Êxodos*, logo oposta à ordem natural da Bíblia, leva a sugerir que *Gênesis* é o encontro dessa Terra prometida tão buscada em *Êxodos*. Ela representou a salvação na vida de Salgado e reacendeu sua esperança na humanidade.

Este trabalho demonstra como a obra *Êxodos* conduziu o fotógrafo a seu extremo, levando-o à depressão e como ele se curou através do Instituto Terra e da obra *Gênesis*. Podemos dizer que o mesmo instrumento que o levou a depressão o resgatou dela, a fotografia e, como resultado desse processo, o então fotógrafo social, que recebeu tantos prêmios e honrarias por esse trabalho, deixou-o de lado para se dedicar à fotografia da natureza.

A pesquisa referente a esse trabalho não está pronta e nem poderia, uma vez que o objeto de estudo desse trabalho permanece vivo. Os próximos passos do fotojornalista Sebastião Salgado são um mistério. O fato dele ter completado 72 anos gera, por si só, a dúvida se Salgado terá ou não fôlego para realizar outro grande projeto. O que se pretendeu, ao longo deste trabalho, foi explorar o caminho da migração de Salgado da fotografia social, dos homens, para a natureza, o motivo pelo qual se deu essa transformação e o que ela representou em sua vida.

No entanto, seu trabalho e o impacto que ele representou, não apenas no mundo da fotografia, mas também na percepção das pessoas sobre as grandes tragédias, guerras e migrações pode ser tema para muitas outras reflexões. Outro ponto que merece ser debatido, a partir da obra *Gênesis*, é o quanto ainda existe de maravilhoso no nosso mundo para ser preservado e protegido por nós e a forma que precisamos urgentemente nos reconectarmos com ele.

Em seu último trabalho, Sebastião Salgado dá uma aula de esperança para todos aqueles que folheiam suas páginas e mostra que, muitas vezes, a cura daquilo que parece impossível pode estar justamente na nossa origem, no lugar de onde viemos, na natureza. *Gênesis* mostra que, diferente do que pensamos, ainda existem muitas pessoas ao redor do globo que vivem de acordo com as leis ambientais e as respeitam, convivendo com o planeta de forma harmoniosa e recebendo em troca muito mais do que se imagina. São pessoas que apesar de terem hábitos, costumes e culturas diferentes da nossa não são tão diferentes de nós. Possuem a mesma origem, tem os mesmos sentimentos, as mesmas necessidades básicas.

Estamos constantemente destruindo o meio ambiente com a globalização exacerbada e o crescimento econômico desenfreado e, muitas vezes, esquecemos de que necessitamos dele para viver. Salgado consegue encontrar na natureza a sua cura e mostra que precisamos de forma urgente nos reconectarmos com nossas origens para voltarmos a ter esperança no futuro diante de tantas guerras, violência, morte. A partir daí seremos capazes de voltar a enxergar o que é, de fato, essencial em nossas vidas e aprenderemos a lidar melhor uns com os outros e a respeitar o meio em que vivemos e do qual dependemos. Só assim seremos capazes de reverter todas as atrocidades que a humanidade tem vivido por questões políticas, sociais e econômicas, as quais nos afetam a todos, mas principalmente aqueles que vivem excluídos por não possuírem recursos financeiros suficientes.

Depois de ter sido ferozmente criticado pela beleza das imagens que retratavam situações de degradação extrema, presentes em seus trabalhos anteriores uma certa ironia parece emergir de *Gênesis*, como se Sebastião Salgado nos perguntasse: “Será que alguém vai me acusar por estar estetizando a natureza?”. Ao mudar o foco da sua fotografia do bicho homem para os outros bichos, o fotógrafo consegue, a um só tempo, a cura de uma depressão hostil e uma resposta às críticas que sofreu ao longo de toda a carreira, por ganhar dinheiro documentando pessoas em estado de imensa fragilidade.

Em *Gênesis*, Salgado mostra o grande fotógrafo que é, evidenciando que a beleza de suas fotos nada tem a ver com a exploração do próximo. Mais que isso, ele nos surpreende com sua evolução técnica, ao substituir a câmera Leica de 35 mm, adequada ao flagrante jornalístico, pela Canon digital de médio formato, indicada para desenvolver uma fotografia desapressada, com maior definição de traço, tal como sugere a imensidão do planeta sobre o qual se debruça com seu olhar ambientalista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBORNOZ, Carla Victoria. **Sebastião Salgado: o problema da ética e da estética na fotografia humanista**. In: Contemporânea: Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 93-103, jan./jun. 2005. Disponível em:
http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_04/contemporanea_n04_09_CarlaVictoria.p.
 Acesso em: 05 novembro de 2016

ALI, Fátima. **A arte de editar revistas**. Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=vTYdDAAAQBAJ&pg=PT53&lpg=PT53&dq=Ver+a+vida,+ver+o+mundo,+testemunhar+grandes+acontecimentos,+ver+o+rosto+dos+pobres+e+testemunhar+os+gestos+dos+orgulhosos&source=bl&ots=iNpuOtti4z&sig=uJHsY5NsMGOovMLo0tII8oWATPk&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwi7jqID283QAhXLKyYKHcjnD7AQ6AEIJDA#v=onepage&q=Ver%20a%20vida%2C%20ver%20o%20mundo%2C%20testemunhar%20grandes%20acontecimentos%2C%20ver%20o%20rosto%20dos%20pobres%20e%20testemunhar%20os%20gestos%20dos%20orgulhosos&f=false> Acesso em: 20 de outubro de 2016

AMAZONAS IMAGES. **Agência exclusivamente devotada ao trabalho do fotógrafo Sebastião Salgado**. Disponível em: <<http://www.amazonasimages.com/accueil>>.
 Acesso em: 29 de outubro de 2016.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BBC. **Entenda o genocídio de Ruanda de 1994: 800 mil mortes em cem dias**. Disponível em:
http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/04/140407_ruanda_genocidio_ms
 Acesso em: 15 de setembro de 2016

DALCOL, Francisco. **Sebastião Salgado fala de "Genesis", projeto que o levou a 30 países em oito anos**. Disponível em:
<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/02/sebastiao-salgado-fala-de-genesis-projeto-que-o-levou-a-30-paises-em-oito-anos-4419763.html>

Escritório de arte. Disponível em: <https://www.escrioriodearte.com/artista/sebastiao-salgado/> Acesso em: 10 de setembro de 2016

FREITAS, Janio de. **A condição de Salgado**. In: SALGADO, Sebastião. As Melhores fotos. Apresentação Janio de Freitas; fotografia Sebastião Salgado. São Paulo: Boccato, 1992.

FERREIRA, João Sette Whitaker Ferreira. **Porque as fotos de Salgado são belas**. Disponível em: http://www.fau.usp.br/docentes/deprojeto/j_whitaker/salgado.html
 Acesso em: 5 de novembro de 2016

HARAZIM, Dorrit. **O triunfo de W. Eugene Smith**. Disponível em:
<http://revistazum.com.br/colunistas/o-triunfo-de-w-eugene-smith-2/> Acesso em: 15 de setembro de 2016

INSTITUTO TERRA. **O sonho de plantar uma floresta deu origem ao Instituto Terra.** Disponível

em: <http://www.institutoterra.org/pt_br/conteudosLinks.php?id=22&tl=UXVlbSBzb21vcw==&sb=NQ==#.V1SH6HarTIU>. Acesso em: 05 novembro de 2016

Magnum fotos. Disponível em: <https://pro.magnumphotos.com/> Acesso em: 15 de setembro de 2016

MST. Disponível em: <http://www.mst.org.br/> Acesso em: 15 de setembro de 2016

MORAES, Camila. **As fotografias raras de Robert Capa na Guerra Civil Espanhola estão em São Paulo.** Disponível em:

Olhar construído. Disponível em:

<https://olharconstruido.wordpress.com/tag/fotojornalismo/> Acesso em: 15 de setembro de 2016

O Sal da Terra: Uma viagem com Sebastião Salgado. Direção de Wim Wenders e Juliano Ribeiro Salgado. Brasil, 2014. DVD.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SALGADO, Sebastião e FRANCO, Isabelle. **Da minha Terra à Terra.** São Paulo: Paralela, 2014.

SALGADO, Sebastião. **Êxodos.** São Paulo: Cia das letras, 2000.

SALGADO, Sebastião. **Genesis.** Colônia, Alemanha: Taschen, 2013.

SALGADO, Sebastião. **O drama silencioso da fotografia.** Disponível em:

https://www.ted.com/talks/sebastiao_salgado_the_silent_drama_of_photography/transcript?language=pt-br Acesso em: 2 de outubro de 2016

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros.** Companhia das letras, 2003.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** Disponível em:

<http://www.pucrs.br/famecos/professores/sempe/Susan_Sontag.pdf> Acesso em: 20 de outubro de 2016

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** Chapecó: Editora Grifos, 2000.